



# MINAS GERAIS

CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES



## **GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS**

**SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO  
SECRETÁRIA**

*Renata Maria Paes de Vilhena*

**FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO  
PRESIDENTE**

*Marilena Chaves*

**CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES  
DIRETOR**

*Frederico Poley Martins Ferreira*

**ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
ASSESSORA-CHEFE**

*Olívia Bittencourt*

## **EQUIPE TÉCNICA**

*Elisa Maria Pinto Rocha  
Maria Aparecida Sales Souza Santos  
Raimundo de Sousa Leal Filho (org.)  
Reinaldo Carvalho de Moraes  
Ricardo Candéa Sá Barreto*

## **ESTAGIÁRIOS**

*Clara Oyamaguchi P. A. Moreira  
Thiago Rafael Corrêa de Almeida*

## **PROJETO GRÁFICO**

*Kelly Gusmão*

## **REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO**

*Heitor Vasconcelos*

## **SINAIS CONVENCIONAIS**

... Dado numérico não-disponível  
.. Não se aplica dado numérico  
- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento

## SUMÁRIO

CONDICIONANTES EXTERNOS DA CONJUNTURA ECONÔMICA DE MINAS GERAIS	1
NÍVEL DE ATIVIDADE NO BRASIL E EM MINAS GERAIS	9
AGROPECUÁRIA	18
INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS	22
EXPORTAÇÕES	30
INFLAÇÃO	34
FINANÇAS PÚBLICAS	38
EMPREGO, DESEMPREGO, E RENDIMENTOS DO TRABALHO	44
NOTA TÉCNICA	52

## LISTA DE GRÁFICOS

### CONDICIONANTES EXTERNOS DA CONJUNTURA ECONÔMICA DE MINAS GERAIS

GRÁFICO 1 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO (EM % a.a.) - PAÍSES E GRUPOS DE PAÍSES SELECIONADOS - 2009/2010

GRÁFICO 2 - TAXAS DE DESEMPREGO (EM % DA FORÇA DE TRABALHO) - PAÍSES SELECIONADOS - 1º TRIMESTRE DE 2007/ 4º TRIMESTRE DE 2010

GRÁFICO 3 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL TRIMESTRAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO - TRIMESTRE EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE PRECEDENTE COM AJUSTE SAZONAL (EM % a.a.) - PAÍSES E GRUPOS DE PAÍSES SELECIONADOS - 1º TRIMESTRE DE 2007 - 4º TRIMESTRE DE 2010

GRÁFICO 4 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL TRIMESTRAL DA FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO - TRIMESTRE EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE PRECEDENTE COM AJUSTE SAZONAL (EM % a.a.) - PAÍSES E GRUPOS DE PAÍSES SELECIONADOS - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010

### NÍVEL DE ATIVIDADE ECONÔMICA NO BRASIL E EM MINAS GERAIS

GRÁFICO 1 - ÍNDICE DE VOLUME DO PRODUTO INTERNO BRUTO A PREÇOS DE MERCADO (SÉRIE ENCADEADA COM E SEM AJUSTE SAZONAL) - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010

GRÁFICO 2 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO E DO VALOR ADICIONADO NA INDÚSTRIA E NOS SERVIÇOS (EM % A.A., TRIMESTRE EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE PRECEDENTE COM AJUSTE SAZONAL) - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010

GRÁFICO 3 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL DO CONSUMO DAS FAMÍLIAS, DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, E DA FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO (EM % A.A., TRIMESTRE EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE PRECEDENTE COM AJUSTE SAZONAL) - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010

GRÁFICO 4 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DE BENS E SERVIÇOS (EM % A.A., TRIMESTRE EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE PRECEDENTE COM AJUSTE SAZONAL) - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010

GRÁFICO 5 - ÍNDICE QUANTUM DAS IMPORTAÇÕES DE MERCADORIAS POR CATEGORIAS DE USO FINAL - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010

## **INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS**

GRÁFICO 1 - ÍNDICE DE VOLUME DO VALOR ADICIONADO BRUTO NO SETOR INDUSTRIAL - MINAS GERAIS - 1º TRIMESTRE DE 2008/4º TRIMESTRE DE 2010

GRÁFICO 2 - ÍNDICE DE VOLUME DO VALOR ADICIONADO BRUTO EM ATIVIDADES DO SETOR DE SERVIÇOS - MINAS GERAIS - 1º TRIMESTRE DE 2008 - 4º TRIMESTRE DE 2010

## **EXPORTAÇÕES**

GRÁFICO 1 - PARTICIPAÇÃO E CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES DOS PRINCIPAIS PRODUTOS - MINAS GERAIS - 4º TRIMESTRE DE 2010

## **INFLAÇÃO**

GRÁFICO 1 - INFLAÇÃO ANUAL, EM (%), POR GRUPO - RMBH, 2007 - 2010

GRÁFICO 2 - INFLAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES, EM (%),-RMBH E BRASIL, DEZEMBRO DE 2008 A FEVEREIRO DE 2011

## **FINANÇAS PÚBLICAS**

GRÁFICO 1 - EVOLUÇÃO DO RESULTADO ORÇAMENTÁRIO EM MINAS GERAIS: 1995 A 2010

GRÁFICO 2 - EVOLUÇÃO DA EXPANSÃO TRIMESTRAL DAS RECEITAS CORRENTES, RECEITAS TRIBUTÁRIAS E ICMS

GRÁFICO 3 - EVOLUÇÃO DA RAZÃO ENTRE A DCL E A RCL

## **EMPREGO, DESEMPREGO, E RENDIMENTOS DO TRABALHO**

GRÁFICO 1 - VARIAÇÃO NO ESTOQUE DE EMPREGOS FORMAIS (MIL POSTOS DE TRABALHO), POR SETORES DE ATIVIDADE - MINAS GERAIS - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010

GRÁFICO 2 - VARIAÇÃO NO ESTOQUE DE EMPREGOS FORMAIS (MIL POSTOS DE TRABALHO), POR SETORES DE ATIVIDADE - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010

GRÁFICO 3 - VARIAÇÃO NO ESTOQUE DE EMPREGOS FORMAIS, POR SETORES DE ATIVIDADE SELECIONADOS - MINAS GERAIS - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010

GRÁFICO 4 - VARIAÇÃO NO ESTOQUE DE EMPREGOS FORMAIS, POR SETORES DE ATIVIDADE SELECIONADOS - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010

GRÁFICO 5 -POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA E OCUPADA - REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010

GRÁFICO 6 - ÍNDICES TRIMETRAIS DO EMPREGO, DO RENDIMENTO MÉDIO REAL E DA MASSA DE RENDIMENTOS REAIS DOS OCUPADOS - REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010

**NOTA TÉCNICA: FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO**

GRÁFICO 1 - TAXA DE INVESTIMENTO FBCF (% PIB) E TAXA REAL DE CRESCIMENTO DO PIB, NO PERÍODO 2005-2009, BRASIL E MINAS GERAIS

## LISTA DE TABELAS

### NÍVEL DE ATIVIDADE ECONÔMICA NO BRASIL E EM MINAS GERAIS

TABELA 1 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL (%) DO PRODUTO INTERNO BRUTO A PREÇOS DE MERCADO - MINAS GERAIS E BRASIL - 2009/2010

TABELA 2 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL (%) DO VALOR ADICIONADO BRUTO, SEGUNDO SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA - MINAS GERAIS E BRASIL - 2010

### AGROPECUÁRIA

TABELA 1 - PRINCIPAIS DESTAQUES DA SAFRA AGRÍCOLA - MINAS GERAIS - 2008/2009-2009/2010

### INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS

TABELA 1 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL (%) DO VALOR ADICIONADO BRUTO NO SETOR INDUSTRIAL - MINAS GERAIS E BRASIL - 2010

TABELA 2 - ÍNDICE DE VOLUME DA PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL (2007=100) - MINAS GERAIS - 4º TRIMESTRE DE 2008 - 4º TRIMESTRE DE 2010

TABELA 2 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL (%) DO VALOR ADICIONADO BRUTO, SEGUNDO SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA - MINAS GERAIS E BRASIL - 2010

TABELA 3 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL (%) DO VALOR ADICIONADO BRUTO NO SETOR DE SERVIÇOS - MINAS GERAIS E BRASIL - 2010

### INFLAÇÃO

TABELA 1 - INFLAÇÃO MENSAL EM (%), POR GRUPO - RMBH - OUTUBRO DE 2010 A FEVEREIRO DE 2011

TABELA 2 - VARIAÇÃO DO ÍNDICE DE PREÇO AO CONSUMIDOR (IPC) ACUMULADO EM DOZES MESES (EM %) - BELO HORIZONTE, LAVRAS, MONTES CLAROS, UBERLÂNDIA E VIÇOSA - DEZEMBRO DE 2009 A FEVEREIRO DE 2011

### FINANÇAS PÚBLICAS

TABELA 1 - EVOLUÇÃO DA RECEITA ORÇAMENTÁRIA, DESPESA REALIZADA E RESULTADO FISCAL DO GOVERNO DE MINAS GERAIS DE 1995 A 2010 (R\$ MILHÕES)

TABELA 2 - RECEITA ORÇAMENTÁRIA CONSOLIDADA NO TRIMESTRE E ACUMULADO NO ANO EM 2010 (R\$ MILHÕES) - MG

TABELA 3 - DESPESA REALIZADA POR TRIMESTRE E ACUMULADA (R\$ MILHÕES) - MG

**NOTA TÉCNICA: FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO**

TABELA 1 - PARTICIPAÇÃO RELATIVA POR ATIVIDADE NA FBCF TOTAL (EM PERCENTAGEM), EM MINAS GERAIS, NO PERÍODO 2005-2009

TABELA 2 - PARTICIPAÇÃO RELATIVA NO QUE SE REFERE À ORIGEM DA FBCF TOTAL (EM PERCENTAGEM), EM MINAS GERAIS, NO PERÍODO 2005-2009

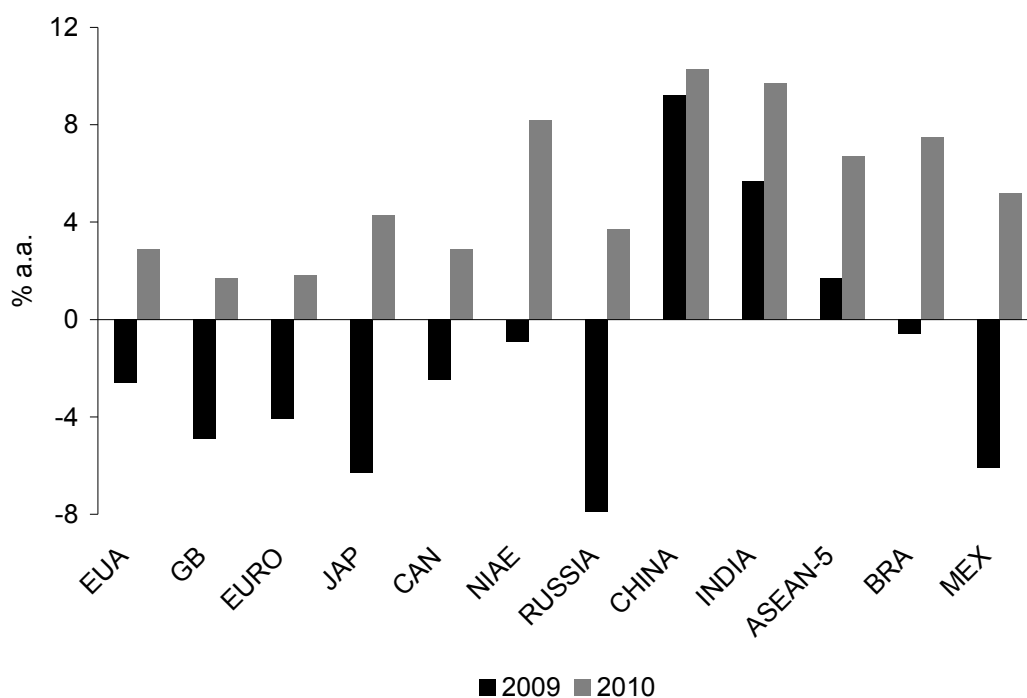
APÊNDICE 1 - FBCF A PREÇOS DE MERCADO (R\$ 1.000.000,00) EM MINAS GERAIS NO PERÍODO 2005-2009: FBCF TOTAL, CONTRIBUIÇÃO INTERNA, CONTRIBUIÇÃO INTERESTADUAL E CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL



## CONDICIONANTES EXTERNOS DA CONJUNTURA ECONÔMICA DE MINAS GERAIS

O nível de atividade na economia mundial, no ano passado, voltou a crescer após o colapso da produção nos países avançados em 2009. O Gráfico 1 (abaixo) apresenta a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em países e grupos de países selecionados nestes dois últimos anos.

GRÁFICO 1 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO (EM % a.a.) - PAÍSES E GRUPOS DE PAÍSES SELECIONADOS - 2009/2010



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac) <sup>1</sup>; Fundo Monetário Internacional, *World Economic Outlook Update* (Jan./2011) <sup>2</sup>; U.S. Department of Commerce, Bureau of Economic Analysis, *News Release* (Mar./2011). <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Conforme divulgado em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm>. Acesso em março de 2011.

<sup>2</sup> Disponível no sítio: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2011/update/01/index.htm>. Acesso em março de 2011.

<sup>3</sup> Disponível no sítio: [http://www.bea.gov/newsreleases/national/gdp/2011/pdf/gdp4q10\\_3rd.pdf](http://www.bea.gov/newsreleases/national/gdp/2011/pdf/gdp4q10_3rd.pdf). Acesso em março de 2011.

EM 2009, houve retração praticamente generalizada do nível de atividade econômica: as exceções foram algumas das grandes economias asiáticas em desenvolvimento - crescimento real de 9,2% do PIB chinês, de 5,7% na Índia, e de 1,7% no grupo formado por Indonésia, Malásia, Filipinas, Tailândia e Vietnã (ASEAN-5 <sup>4</sup>). As economias da Rússia e do México, que possuem fortes complementaridades com a Europa e os EUA, foram fortemente afetadas: seu nível de atividade foi contraído em, respectivamente, 7,9% e 6,1%.

Dentre as economias consideradas avançadas, <sup>5</sup> foi no grupo de países formado pela Coreia do Sul, Taiwan, Singapura e Hong Kong (NIAE <sup>6</sup>) que a diminuição do PIB, em termos reais, se mostrou menos pronunciada em 2009: - 0,9% em 2009 (resultado semelhante ao observado na economia brasileira, que decresceu 0,6% neste ano). Nestes países, o peso das relações comerciais e financeiras com o núcleo das economias mais avançadas - em estado de “parada súbita” - também implicou intenso choque externo negativo, mas este pôde ser parcialmente compensado pelo próprio dinamismo endógeno característico das economias do Leste Asiático.

No núcleo da economia mundial, sinais inequívocos da dimensão do colapso econômico de 2009 foram sintetizados pelas taxas de variação do PIB: - 2,6% nos EUA, - 4,1% no grupo de países da Zona do Euro, <sup>7</sup> - 4,9% na Grã-Bretanha, <sup>8</sup> e - 6,3% no Japão.

A recuperação posterior, por sua vez, parece se adequar à hipótese de “switchover”, aventada por Canuto (2010): <sup>9</sup> está em curso uma troca no comando da fonte de maior dinamismo para o crescimento da economia mundial, do núcleo “antigo” (EUA, Europa e Japão - “velha locomotiva”) para o grupo formado pelos países asiáticos em desenvolvimento ou de industrialização recente (ao qual, talvez, venham se juntar os países do Cone Sul da América Latina - aí incluído o Brasil).

Uma consequência desta hipótese é que a economia global consolidaria “duas velocidades” após a crise: nos países avançados (exclusive NIAE), o crescimento econômico passaria a ser ainda mais lento e moderado que antes - com taxas de desemprego persistentemente elevadas (Gráfico 2,

<sup>4</sup> The *Association of Southeast Asian Nations* (Associação das Nações do Sudeste Asiático). Deve ser notado que o desempenho macroeconômico da Tailândia também foi afetado, nos últimos anos, pelo clima de turbulência política então prevalecente naquele país.

<sup>5</sup> Segundo tipologia proposta no *World Economic Outlook* do FMI.

<sup>6</sup> *Newly Industrialized Asian Economies* (Economias Asiáticas de Industrialização Recente).

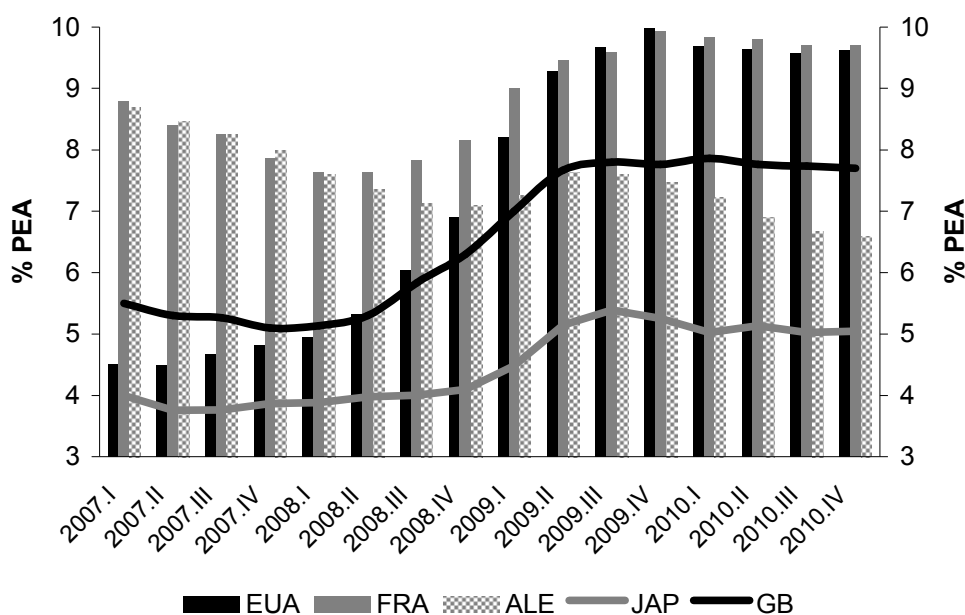
<sup>7</sup> A Zona do Euro foi criada em 01/01/1999, reunindo inicialmente Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo e Portugal. Posteriormente, ingressaram no grupo Grécia (2001), Eslovênia (2007), Chipre (2008), Malta (2008), Eslováquia (2009) e Estônia (2011), sempre no primeiro dia de cada ano. Bulgária, Dinamarca, Letônia, Lituânia, Hungria, Polônia, Reino Unido, República Checa, Romênia e Suécia são Estados membros da União Européia, mas não utilizam a moeda comum.

<sup>8</sup> Embora as estatísticas nacionais sejam divulgadas no âmbito do Reino Unido, que inclui, além dos países da Grã-Bretanha, a Irlanda do Norte, se adota aqui a prática corrente de usar as duas denominações como equivalentes.

<sup>9</sup> Canuto, Otaviano. 2010. “Recoupling or switchover? Developing countries in the global economy”. In: Canuto, Otaviano & Marcelo Giuciale (ed.). 2010. *The day after tomorrow: a handbook on the future of economic policy in the developing world*. Washington, DC: The World Bank, pp. 31-49. A publicação completa está disponível no sítio: [http://siteresources.worldbank.org/EXTPREMNET/Resources/TDAT\\_Book.pdf](http://siteresources.worldbank.org/EXTPREMNET/Resources/TDAT_Book.pdf). Acesso em março de 2011.

abaixo) e desajustes financeiros e patrimoniais tanto no setor privado quanto no setor público, que demandarão longo tempo antes de serem minimamente equacionados <sup>10</sup> -; na “nova locomotiva”, sistemas financeiros com algum espaço para expansão da alavancagem do crédito, especialmente para o desenvolvimento industrial e tecnológico, existência de oportunidades para adoção de tecnologias de uso não-rival já amadurecidas, e possibilidades de mudança estrutural na composição setorial do produto agregado - na direção da incorporação de atividades mais dinâmicas em termos de geração de valor e de conhecimento -, são todos fatores que contribuem para a consolidação de um ritmo superior de crescimento econômico por muitos anos adiante.

GRÁFICO 2 - TAXAS DE DESEMPREGO (EM % DA FORÇA DE TRABALHO) - PAÍSES SELECIONADOS - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), *OECD Economic Outlook* n° 88. <sup>11</sup>

<sup>10</sup> No caso da dívida pública de governos europeus, está em curso a construção de um mecanismo permanente para reestruturação dos débitos que irá substituir o *European Financial Stability Facility* (EFSF). A maior dificuldade com esta estratégia é o temor de que mesmo um *default* negociado possa aumentar ainda mais a já elevada fragilidade financeira de grandes instituições bancárias europeias. Para uma avaliação insuspeita da eventual necessidade da adoção de moratórias parciais, cf. *The Economist*. *Sovereign remedies* - the “grand bargain” may prove less grand in reality than in rhetoric, edição de 03/03/2011. Disponível no sítio: [http://www.economist.com/node/18285565?story\\_id=18285565](http://www.economist.com/node/18285565?story_id=18285565). Acesso em março de 2011.

<sup>11</sup> Disponível no sítio: [http://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=EO88\\_INTERNET](http://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=EO88_INTERNET). Acesso em março de 2011. As taxas de desemprego selecionadas para comparações internacionais foram ajustadas sazonalmente e harmonizadas pelo Escritório de Estatísticas da OCDE ao conceito de desemprego adotado pelo Escritório de Estatísticas da Comunidade Européia (EUROSTAT). Além do EUROSTAT, os *surveys* domiciliares sobre a força de trabalho, dos Escritórios de Estatísticas dos governos nacionais do Canadá, dos Estados Unidos, da Austrália, do Japão, da Coreia do Sul, da Nova Zelândia e da Suíça foram desenhados de modo a permitir a produção destas estatísticas segundo as recomendações da 13ª Conferência Internacional dos Estatísticos do Trabalho da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Detalhes sobre esta definição e sua operacionalização estão disponíveis no sítio: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/eurostat/home>.

A evolução recente das taxas de desemprego nas economias mais avançadas também coloca em evidência a dimensão do ajuste recessivo à crise financeira: de meados de 2007 ao início de 2009, a proporção de desempregados na força de trabalho norte-americana praticamente dobrou; na França, o movimento de redução do desemprego - após quase duas décadas acima de 8% - foi completamente revertido. Na Grã-Bretanha, a taxa de desemprego aumentou, de pouco mais que 5% da população economicamente ativa (PEA) em 2007 para aproximadamente 8% em 2009.

Nas economias de capitalismo organizado que melhor preservaram sua competitividade industrial durante os anos de desregulamentação promovida pela globalização financeira - Alemanha<sup>12</sup> e Japão -, o impacto do desarranjo macroeconômico no mercado de trabalho foi bem menos acentuado: no primeiro caso, com uma reversão temporária (ao longo de 2009) da tendência de redução da taxa de desemprego que havia sido iniciada em 2005; no segundo caso, mudança do patamar de aproximadamente 4% (prevalecente desde meados de 2005) para 5% a partir de 2009.

Em 2010, já houve expansão generalizada do nível de atividade na economia mundial, embora a ritmos marcadamente diferenciados entre a “nova” e a “velha” locomotivas. O PIB dos Estados Unidos ampliou-se, em termos reais, 2,9%; nos países da zona do Euro, 1,8%; no Reino Unido, 1,7%; e no Japão, 4,3%.<sup>13</sup>

É interessante notar que, após a retomada do crescimento em 2010 - mesmo que em ritmo extremamente moderado -, consolidou-se uma nova conformação na dimensão macroeconômica do mercado de trabalho: recuperação sem redução do desemprego nos EUA, França e Reino Unido; taxa de desemprego em declínio na Alemanha e num patamar comparativamente menor no Japão (o que, aliás, é uma característica histórica deste último país).

Também vale notar que, dentre os países da zona do Euro, os desequilíbrios financeiros assumidos pelos Estados nacionais - na tentativa de conter a falência de seus bancos - geraram novo padrão de divergência no crescimento econômico entre o “centro” (economias com setor produtivo “competitivo” e governos com finanças públicas abaladas, mas relativamente imunes a ataques especulativos) e sua “periferia” (governos com finanças públicas expostas a intensa pressão por parte dos emprestadores).

Há, atualmente, compulsão a que os governos destes últimos produzam profundos ajustes fiscais, com conseqüências negativas para a natureza dos seus sistemas de seguridade social, para a

---

<sup>12</sup> Sobre o atual cenário na economia alemã, tanto no que diz respeito à renovada competitividade de suas grandes corporações industriais, quanto ao papel das pequenas e médias empresas do seu *Mittelstand*, especializadas na produção de bens de capital por encomenda e dominantes na indústria de alta tecnologia, cf. The Economist. *A machine running smoothly*, edição de 03/02/2011. Disponível no site: <http://www.economist.com/node/18061718>.

<sup>13</sup> No México e na Rússia, economias em desenvolvimento mais “acopladas” à “velha locomotiva”, estimou-se expansão do produto agregado de, respectivamente, 3,7% e 5,2% em 2010.

qualidade dos seus serviços públicos, e para o próprio ritmo de crescimento econômico - que perdurarão por longo período. <sup>14</sup>

Já no Brasil, o crescimento econômico foi estimado em 7,5% no ano passado, o que reflete a existência de fortes complementaridades entre a economia brasileira e a “nova locomotiva”: na China, projeta-se ampliação de 10,3% no produto agregado real do país; no grupo das economias asiáticas de industrialização recente (NIAE), expansão de 8,2%. Na Índia, o crescimento econômico foi estimado em 9,7%; e no grupo do ASEAN-5, 5,2%.

De qualquer forma, existe alguma evidência de que a retirada dos estímulos fiscais frente à recuperação econômica nos países avançados coincidiu com uma redução do ritmo já modesto com que suas economias voltaram a crescer - os EUA são uma exceção importante. O Gráfico 3 (abaixo) compila a evolução das taxas de crescimento *trimestral* do PIB real, em relação ao trimestre precedente com ajuste sazonal, que trazem informações mais sensíveis às mudanças de curto prazo.

Após a aguda retração da atividade econômica no período compreendido entre o 3º trimestre de 2008 e o 2º trimestre de 2009, o produto agregado dos EUA, Grã-Bretanha, Japão e conjunto dos países da zona do Euro apresentou variação positiva simultânea do 4º trimestre de 2009 ao 3º trimestre de 2010.

Nesta trajetória, o ritmo de crescimento real da economia nos EUA primeiro desacelerou, de 5,0% a.a. no 4º trimestre de 2009 para 1,7% a.a. no 2º trimestre de 2010. Desde então, já acumula dois trimestres consecutivos com elevação do ritmo de crescimento, e no último trimestre do ano passado, alcançou variação relativa ao trimestre anterior equivalente a 3,1% a.a. (com ajuste sazonal).

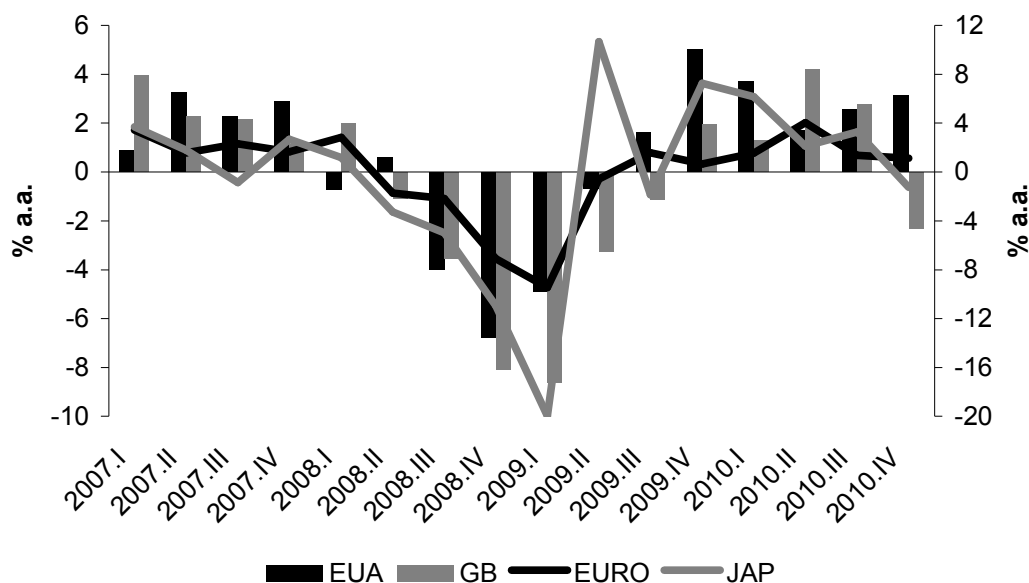
No Reino Unido e no conjunto de países da zona do Euro, a recuperação iniciada no último trimestre de 2009 alcançou seu ritmo mais forte no 2º trimestre do ano passado. Desde então, e na direção oposta do ocorrido nos EUA, já acumulam dois trimestres consecutivos de redução do ritmo de crescimento. No caso do conjunto de países da zona do Euro, ainda houve variação positiva do PIB no 4º trimestre de 2010, equivalente a 1,1% a.a. (com ajuste sazonal); no caso do Reino Unido, a modesta recuperação que se observava em seu nível de atividade econômica já foi interrompido, com uma contração no 4º trimestre de 2010 equivalente a 2,3% a.a. (com ajuste sazonal).

---

<sup>14</sup> Na Irlanda, por exemplo, o colapso financeiro e a crise fiscal do governo reduziram o padrão de vida do país ao nível prevalecente no início da década passada (The Economist. *Ireland's crash*, edição de 17/02/2011. Disponível no sítio: <http://www.economist.com/node/18176072>. Acesso em março de 2011). Sobre a importância da demanda do setor público como estímulo para o crescimento de uma economia com desemprego elevado, veja-se, p. ex., Harvey, John. T. “The big danger in cutting the deficit”, na edição de 18/03/2011 da Forbes Magazine. Disponível no sítio: [http://www.forbes.com/2011/03/18/deficit-cut-danger-budget-jobs-leadership-managing-employment\\_print.html](http://www.forbes.com/2011/03/18/deficit-cut-danger-budget-jobs-leadership-managing-employment_print.html). Acesso em março de 2011.

No Japão, a recuperação da economia atingiu seu momento de maior intensidade no último trimestre de 2009 e no primeiro de 2010, quando cresceu o equivalente a 7,2% e 6,1% a.a., respectivamente. Este momento, no entanto, logo foi perdido: a recuperação do nível de atividade econômica apresentou forte desaceleração nos dois trimestres seguintes até que, no último trimestre do ano passado, o PIB do país voltou a retrair com uma variação negativa equivalente a 1,3% a.a.

GRÁFICO 3 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO - TRIMESTRE EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE PRECEDENTE COM AJUSTE SAZONAL (EM % a.a.) - PAÍSES E GRUPOS DE PAÍSES SELECIONADOS - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados originais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), *OECD Economic Outlook n.º 88*.<sup>15</sup>

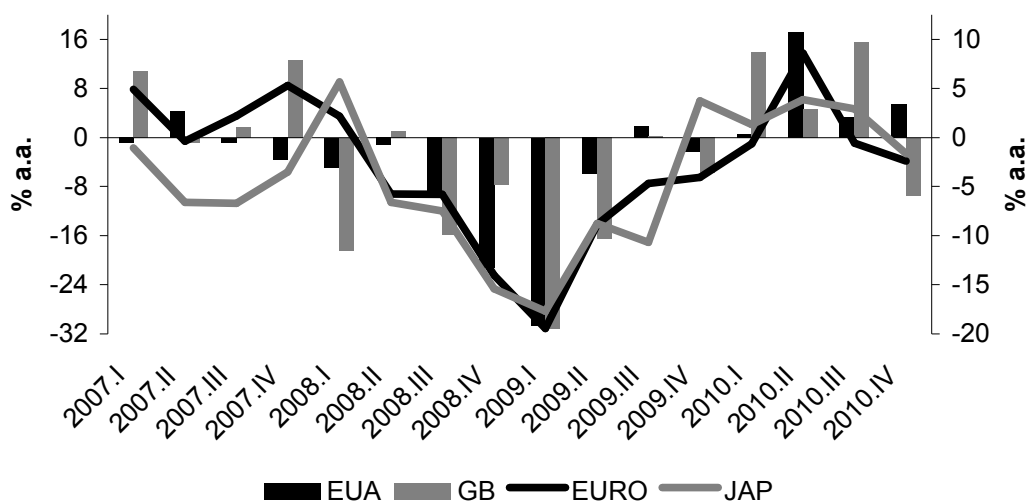
A fragilidade da recuperação econômica nos países mais avançados fica ainda mais evidente quando se observa o comportamento das empresas e do governo no tocante à formação bruta de capital fixo (Gráfico 4).

Neste aspecto, em primeiro lugar vale notar que, ao contrário do ocorrido com o PIB, a volatilidade do dispêndio agregado com a formação bruta de capital fixo foi muito mais acentuada nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha do que na zona do Euro e no Japão.

<sup>15</sup> Disponível no sítio: [http://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=EO88\\_INTERNET](http://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=EO88_INTERNET). Acesso em março de 2011.

Em segundo lugar, vale notar que o esforço de acumulação de capital nos EUA, por um lado já estava estagnado em 2007 - antes da eclosão da crise financeira -, e por outro lado demorou muito mais para responder aos estímulos da retomada do crescimento. Com efeito, após decréscimos trimestrais reais (expressos em taxas anualizadas) na magnitude de 21,2% no 4º trimestre de 2008 e de 30,7% no 1º trimestre de 2009, somente no 2º trimestre de 2010 se observou uma expressiva recuperação da formação de capital. Nos dois últimos trimestres do ano passado, houve consistente variação positiva do investimento nos EUA, embora a taxas moderadas.

GRÁFICO 4 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL DA FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO - TRIMESTRE EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE PRECEDENTE COM AJUSTE SAZONAL (EM % a.a.) - PAÍSES E GRUPOS DE PAÍSES SELECIONADOS - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados originais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), *OECD Economic Outlook n.º 88*.<sup>16</sup>

Também vale destacar que, no Reino Unido, zona do Euro, e Japão, se evidenciou completa interrupção da retomada do investimento em capital fixo. No último trimestre do ano passado, as estimativas da OCDE indicam uma variação negativa em relação ao trimestre anterior, expressa em taxas anualizadas e com ajuste sazonal, da ordem de 9,5%, 2,4% e 1,6% (respectivamente).

A despeito da fragilidade da recuperação econômica global, suas repercussões para as economias dos países em desenvolvimento têm sido - em geral - positivas. O FMI projetou<sup>17</sup> para

<sup>16</sup> Disponível no sítio: [http://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=EO88\\_INTERNET](http://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=EO88_INTERNET). Acesso em março de 2011.

<sup>17</sup> Projeções do *World Economic Outlook Update* de janeiro de 2011. Disponível para consulta no sítio: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2011/update/01/index.htm>. Acesso em março de 2011.

2010 crescimento, em volume, de 12,0% no comércio mundial. Os preços de *commodities*, em média, conseguiram recuperar as perdas com a deflação de 2009: expansão de 27,8% nos preços do petróleo e de 23,0% nas demais mercadorias (média ponderada pela participação de cada produto no total das exportações mundiais de *commodities*).

Os índices de preços aos consumidores prosseguiram estabilizados nos países avançados; para os países com economias em desenvolvimento, o FMI projetou em 2010 pequena elevação na média de suas taxas de inflação, de 5,2% no ano anterior para 6,3%.

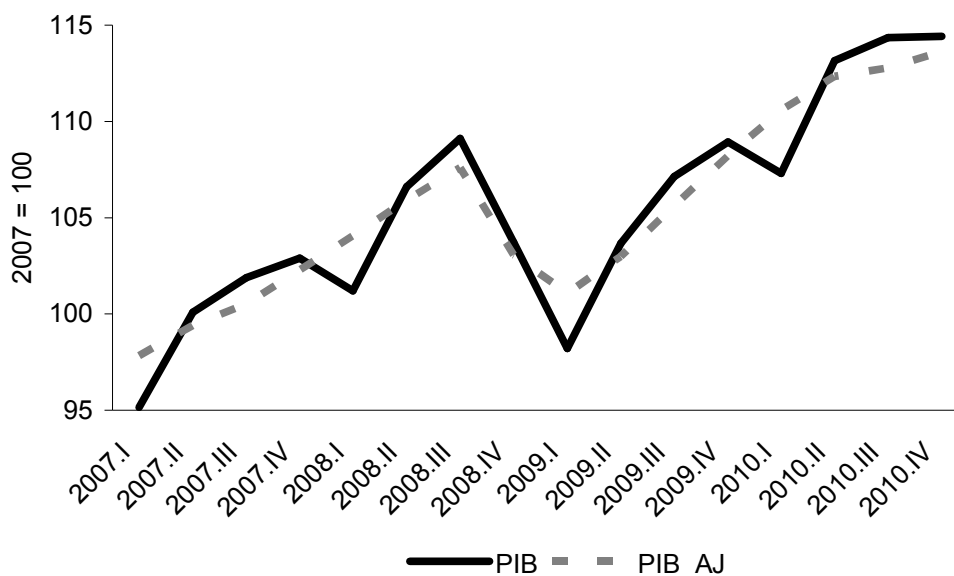


## NÍVEL DE ATIVIDADE NO BRASIL E EM MINAS GERAIS

No Brasil, o nível de atividade econômica no último trimestre do ano passado permaneceu praticamente estagnado em relação ao trimestre anterior, em um patamar próximo de 15% acima da média prevalecente três anos antes, em 2007 (Gráfico 1).

Na série com ajuste sazonal, fica evidente que o ritmo de crescimento da economia brasileira já desacelerou: do equivalente a 9,0% a.a. na variação do 1º trimestre de 2010 em relação ao anterior, para 6,5% a.a. no 2º trimestre, 1,6% a.a. no 3º trimestre, e 3,0% a.a. nos últimos três meses do ano passado.

GRÁFICO 1 - ÍNDICE DE VOLUME DO PRODUTO INTERNO BRUTO A PREÇOS DE MERCADO (SÉRIE ENCADEADA COM E SEM AJUSTE SAZONAL) - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac)

No último semestre de 2010, portanto, o ritmo de crescimento do nível de atividade econômica no país já estava significativamente abaixo das mais conservadoras estimativas da taxa de crescimento do produto potencial.<sup>18</sup>

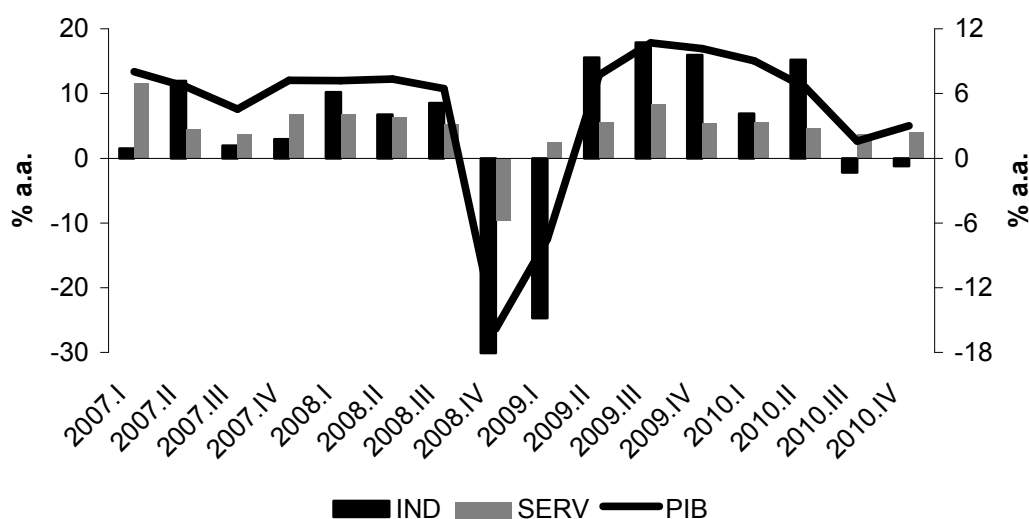
<sup>18</sup> Sobre o viés conservador resultante da adoção de filtros estatísticos baseados em médias móveis para gerar estimativas do produto potencial, veja-se, por exemplo: BARBOSA JR., NELSON H. 2009. *Estimando e revisando o produto potencial do*

Na decomposição do produto pelo lado da oferta <sup>19</sup> (Gráfico 2), fica evidente que a recuperação da produção de valor adicionado na indústria brasileira, após retrações equivalentes a 30,2% a.a. e 24,7% a.a. no 4º trimestre de 2008 e no 1º trimestre de 2010, já foi interrompida.

Nos dois últimos trimestres de 2010, a variação do índice de volume do valor adicionado bruto na indústria, com ajuste sazonal, foi negativa: em valores anualizados, - 2,2% no 3º trimestre e - 1,2% no 4º trimestre.

O Produto Interno Bruto, na economia brasileira, prosseguiu gerando resultados positivos no 2º semestre do ano passado em função, exclusivamente, do aumento na produção de valor adicionado nas atividades do setor de serviços. Mesmo assim, deve ser observado que as taxas de crescimento real do setor nos dois últimos trimestres, equivalentes a 3,8% a.a. no 3º trimestre e 4,1% no 4º trimestre, foram relativamente modestas.

GRÁFICO 2 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO E DO VALOR ADICIONADO NA INDÚSTRIA E NOS SERVIÇOS (EM % A.A., TRIMESTRE EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE PRECEDENTE COM AJUSTE SAZONAL) - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac)

Brasil: uma análise do filtro Hodrick-Prescott com função de produção. In: GENTIL, DENISE LOBATO & ROBERTO PIRES MESSEMBERG (org.). 2009. Crescimento econômico: produto potencial e investimento. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), pp. 33-58.

<sup>19</sup> Excluído o conjunto das atividades na agropecuária, em função da elevada volatilidade que lhe é característica de forma independente das variações no ciclo econômico, que se procura enfatizar aqui.

Causam estranheza os dados destacados acima, quando comparados aos resultados do mercado de trabalho e do comércio. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego <sup>20</sup> indicam que, no 4º trimestre de 2010, foram criados 110 mil postos de trabalho não-agrícolas adicionais no país; o índice do volume de vendas do comércio varejista da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC/IBGE), <sup>21</sup> com ajuste sazonal, foi 9,7% maior no 4º trimestre do ano passado (em relação a igual período em 2009).

Tudo indica que está em curso um efeito defasado, do consumo das famílias no Brasil ainda respondendo ao bom desempenho recente do mercado de trabalho e a uma perspectiva predominantemente otimista com relação ao futuro, enquanto que o ritmo da produção já traz alguma mostra de acomodação. (Gráfico 3)

Sobre este ponto, é importante frisar que estes primeiros sinais de acomodação *antecederam* ou *coincidiram* com as primeiras medidas efetivamente tomadas na gestão das políticas fiscal e monetária para conter o ritmo de crescimento e possíveis pressões inflacionárias. <sup>22</sup>

Apesar de representar, por enquanto, uma observação isolada que não deve ser extrapolada sem confirmação de outros pontos no tempo e de outros indicadores, é muito preocupante que a taxa de crescimento do investimento em capital fixo na economia brasileira tenha sido equivalente a somente 2,6% a.a. no último trimestre do ano passado.

Após a redução real equivalente a 36,1% a.a. na formação bruta de capital fixo no 4º trimestre de 2008, seguida por nova retração, equivalente a 46,9% no 1º trimestre de 2009, houve forte recuperação dos gastos com investimentos produtivos no período subsequente. Ao longo de 2010, no entanto, o ritmo de acumulação de capital na economia brasileira veio se desacelerando: de uma expansão equivalente a 17,2% a.a. no 1º trimestre para 16,5% a.a. no 2º, 12,9% a.a. no 3º e, finalmente, 2,6% a.a. no último trimestre.

Caso seja confirmada posteriormente, representa uma grave interrupção da retomada, no Brasil, de um ritmo de formação de capital compatível com o crescimento sustentável da economia do país a taxas mais elevadas do que as registradas no passado recente.

---

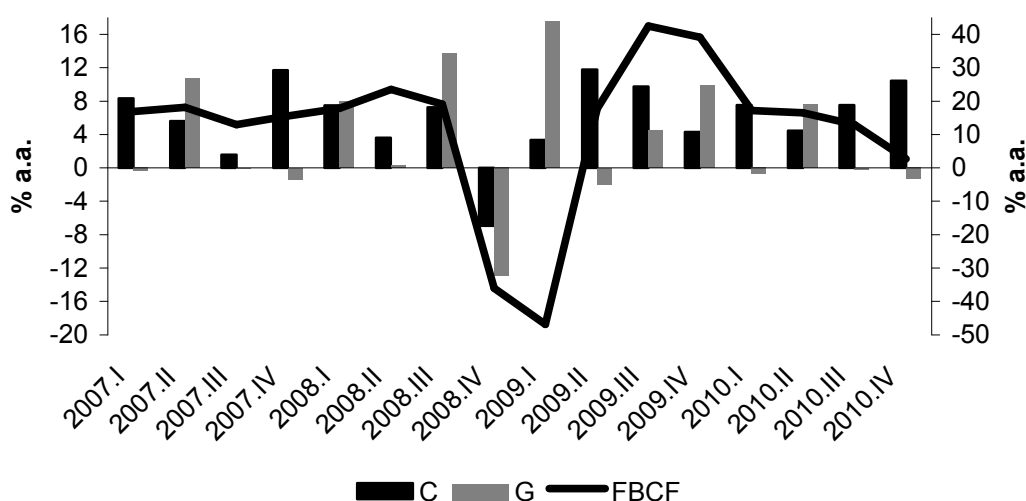
<sup>20</sup> Disponível no sítio: <http://www.mte.gov.br/PDET/index.asp>. Acesso em março de 2011. Embora, comparado ao saldo líquido da criação de empregos no 4º trimestre de anos anteriores, particularmente 2007 e 2009, fica registrada uma *performance* inferior em 2010. Ver, abaixo, detalhamento desta informação na seção sobre emprego, desemprego e rendimentos do trabalho, deste boletim.

<sup>21</sup> Disponível no sítio: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em março de 2011.

<sup>22</sup> Medidas para a restrição à entrada de capital estrangeiro desde outubro de 2010, de contenção à expansão do crédito doméstico desde novembro e dezembro do ano passado, e de cortes de gastos do governo no início de 2011. Exceções foram os aumentos praticados na meta fixada pelo Conselho de Política Monetária (COPOM) para a taxa de juros SELIC, de 8,75% a.a. para 9,5% a.a. em 29/04/2010 e, posteriormente, para 10,25% em 10/06/2010 e 10,75% em 22/07/2010. Após o período considerado, já foram efetivadas duas novas rodadas de elevação da meta para a taxa de juros SELIC, para 11,25% a.a. em 20/01/2011 e 11,75% em 03/03/2011.

Ainda na perspectiva da decomposição do produto pelo lado da demanda, também merece registro a estabilização do consumo agregado da administração pública. (Gráfico 3)

GRÁFICO 3 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL DO CONSUMO DAS FAMÍLIAS, DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, E DA FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO (EM % A.A., TRIMESTRE EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE PRECEDENTE COM AJUSTE SAZONAL) - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac)

Ao longo de 2010, houve crescimento real do gasto com a produção dos bens e serviços públicos no 2º trimestre, de 7,6% (valores anualizados e com ajuste sazonal) em relação ao trimestre precedente;<sup>23</sup> ao que se seguiu pequena redução real equivalente a 0,2% a.a. no 3º trimestre e nova diminuição, desta vez equivalente a 1,4% no 4º trimestre.<sup>24</sup>

Já o consumo das famílias continua se expandindo a taxas elevadas e crescentes: variação equivalente a 4,5% a.a. no 2º trimestre, em relação ao trimestre precedente com ajuste sazonal, de 7,5% a.a. no 3º trimestre e de 10,4% a.a. no último trimestre do ano passado.

<sup>23</sup> Antes, no 1º trimestre 2010, havia sido observada retração equivalente a 0,7% a.a. em relação ao gasto do governo no 4º trimestre de 2009.

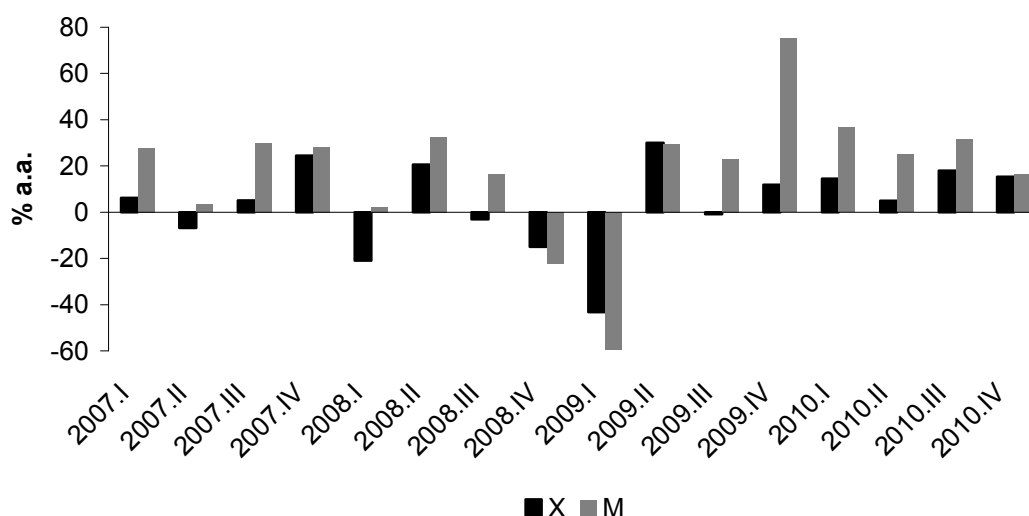
<sup>24</sup> Vale notar que, nos últimos oito trimestres o consumo agregado da administração pública cresceu mais que o PIB somente no 1º trimestre de 2009 - em pleno enfrentamento da crise internacional - e no 2º trimestre do ano passado (em relação ao trimestre anterior, com ajuste sazonal, 1,8% contra 1,6%). Do 2º trimestre de 2009 ao 1º trimestre de 2010, as taxas de variação do consumo do governo e do PIB (em relação ao trimestre anterior, com ajuste sazonal) foram de, respectivamente, -0,5% contra 1,9%, 1,1% contra 2,6%, 2,4% contra 2,5%, e -0,2% contra 2,2%; nos últimos dois trimestres do ano passado, foram de, respectivamente, -0,1% contra 0,4% e -0,3% contra 0,7%. No período acumulado, o consumo agregado do governo cresceu 4,3% enquanto o PIB cresceu 12,4%.

Dos componentes da demanda doméstica, portanto, somente o consumo das famílias cresceu acima do ritmo de expansão da oferta interna no 4º trimestre de 2010. Como boa parte da cesta de consumo domiciliar é composta por produtos não-comercializáveis, a manutenção deste descompasso pode criar pressões altistas nos preços dos serviços - mesmo com uma resposta relativamente elástica na sua produção.

Esta não é, entretanto, necessariamente uma má notícia: parte da “inflação nos preços de serviços” reflete acomodação de preços relativos. Na medida em que o processo de inclusão social pela expansão do emprego formal e valorização do salário mínimo reduz a pobreza e amplia a massa de rendimentos da “nova classe média brasileira”, o mercado de consumo de massas finalmente se generaliza para uma proporção significativa da população brasileira.

Ao longo de 2010, este processo adquiriu excepcional dinamismo, o que colocou maior intensidade no ajuste dos preços relativos entre produtos não-comercializáveis e comercializáveis. Como os ganhos de produtividade são mais difíceis de obter na produção de serviços - especialmente nos casos em que a tecnologia de produção é muito intensiva em trabalho - do que na produção de bens agrícolas e industriais, é razoável supor que parte deste ajuste proceda (no curto prazo) pela via da inflação em serviços.

GRÁFICO 4 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DE BENS E SERVIÇOS (EM % A.A., TRIMESTRE EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE PRECEDENTE COM AJUSTE SAZONAL) - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac)

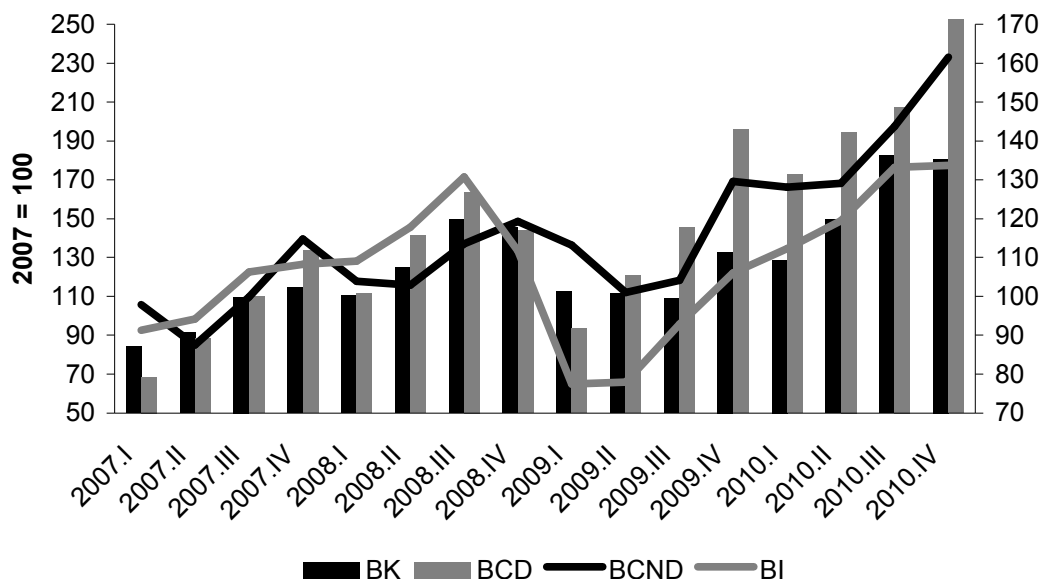
A demanda externa pelo produto nacional também se expandiu em ritmo forte pelo segundo trimestre consecutivo: a taxa de variação do volume exportado (bens e serviços), anualizada e com ajuste sazonal, aumentou de 5,0% a.a. no 2º trimestre de 2010 (em relação ao trimestre precedente) para 17,9% a.a. no 3º trimestre e 15,3% a.a. no 4º trimestre. (Gráfico 4, acima)

Em simultâneo, o ritmo de expansão do volume importado de bens e serviços arrefeceu. De uma variação equivalente a 75,2% a.a. no último trimestre de 2009 para aproximadamente 30% a.a. do 1º ao 3º trimestre de 2010, e finalmente 16,6% a.a. no 4º trimestre do ano passado.

O lado bom desta notícia, é que pela primeira vez no último ano e meio o ritmo do crescimento das exportações emparelhou com o das importações - com a implicação de que o desequilíbrio em conta corrente deixou de ser agravado.

O lado ruim, é que esta redução do ritmo de crescimento do volume importado coincidiu com a interrupção da acumulação de capital no país.

GRÁFICO 5 - ÍNDICE QUANTUM DAS IMPORTAÇÕES DE MERCADORIAS POR CATEGORIAS DE USO FINAL - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX); Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEADATA <sup>25</sup>

<sup>25</sup> Dados originais da Funcex, disponíveis no sítio: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>. Acesso em março de 2011.

Enquanto a quantidade importada de bens de consumo duráveis e não-duráveis permanece em franca expansão, a quantidade importada de máquinas, equipamentos e instrumentos científicos e de precisão (bens de capital) e de bens intermediários estabilizou-se no 4º trimestre do ano passado. (Gráfico 5)

Novamente, se apresenta um sintoma preocupante de que o esforço de investimento (e da modernização tecnológica que acompanha a renovação e alargamento do parque produtivo) que vinha sendo recuperado no setor corporativo brasileiro e na sua infra-estrutura econômica pode ter sido outra vez colocado em compasso de espera.

Infelizmente, não se dispõe ainda uma série suficientemente grande de dados nas Contas Regionais de Minas Gerais para que seja possível uma estimativa oficial das séries encadeadas dos índices de volume, tanto do PIB estadual quanto do Valor Adicionado Bruto por Setores de Atividade mineiros com ajuste sazonal.<sup>26</sup>

Devido a este motivo, a análise seguinte, focada na comparação do desempenho econômico recente de Minas Gerais e do Brasil, foi desenvolvida com referência apenas às taxas de variação período/período precedente sem ajuste sazonal ( $Q4_{2010}/Q4_{2009}$  e 2010/2009).

Assim, em primeiro lugar se pode notar que o PIB de Minas Gerais apresentou crescimento real médio de 10,9% em 2010 (relativamente a 2009), e superou em 3,4 pontos percentuais o resultado nacional de 7,5% (Tabela 1).

O dinamismo do mercado interno estadual - constatado pelo crescimento de 10,6% do valor adicionado (VA) do comércio em Minas Gerais -, impulsionado pela expansão do emprego, da massa salarial e da oferta de crédito, foi fundamental para a obtenção deste resultado.

No contexto internacional, contribuíram a contínua elevação da demanda por produtos da pauta de exportações mineira, assim como a valorização acentuada de produtos siderúrgicos, *commodities* agrícolas e minério de ferro, sustentadas pelo ritmo acelerado das exportações para a Ásia, notadamente China e Japão, e pela recuperação de importantes mercados como o da Alemanha, Argentina e Estados Unidos.

---

<sup>26</sup> A este respeito, veja-se: “Dos resultados obtidos nos testes, conclui-se que a série do PIB trimestral ajustada sazonalmente é muito sensível à introdução de novos dados, já que o modelo faz uma previsão para frente e para trás objetivando o cálculo das médias móveis referentes aos períodos inicial e final. Logo, quando a previsão para o trimestre seguinte ao último observado fica muito longe do que acaba efetivamente ocorrendo, as taxas trimestre contra trimestre imediatamente anterior antes e depois da introdução de mais um dado podem apresentar variações significativas, inclusive mudando de sinal. Além de a série com ajuste sazonal mudar, se a modificação de um trimestre for em uma direção e a do trimestre seguinte for na direção oposta, a mudança na taxa pode ser grande” (BARRETO, Ricardo C. de Sá. 2010. “Ajuste sazonal e modelo de previsão para PIB trimestral de Minas Gerais”. In: BARRETO, Ricardo C. de Sá (coord.). *Boletim de Conjuntura Econômica de Minas Gerais* - 3º Trimestre de 2010. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, pp. 62-63.

TABELA 1 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL (%) DO PRODUTO INTERNO BRUTO A PREÇOS DE MERCADO -  
MINAS GERAIS E BRASIL - 2009/2010

TAXA DE CRESCIMENTO	MINAS GERAIS					BRASIL				
	2009.IV	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV	2009.IV	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV
Trimestral (1)	4,7	13,4	11,7	12,1	6,7	5,0	9,3	9,2	6,7	5,0
Acumulada no ano (2)	-3,1	13,4	12,5	12,3	10,9	-0,6	9,3	9,2	8,4	7,5
Acumulada em quatro trimestres (3)	-3,1	1,4	5,9	10,4	10,9	-0,6	2,2	5,3	7,5	7,5

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac)

(1) Compara o trimestre de referência com igual trimestre do ano anterior. (2) Compara o resultado acumulado no ano até o trimestre de referência com igual período do ano anterior. (3) Compara o resultado acumulado nos doze meses que se completam no trimestre de referência com igual período imediatamente anterior.

Na comparação dos resultados trimestrais, o índice de volume do PIB de Minas Gerais no último trimestre de 2010 foi 6,7% superior ao registrado em igual período de 2009 - significativamente abaixo do que foi observado nos três primeiros trimestres do ano;<sup>27</sup> é importante destacar que esta evolução das taxas trimestrais aponta - corretamente - para a desaceleração do ritmo de crescimento econômico mencionada acima, em Minas como no Brasil.

Deve-se considerar que, tanto as comparações dos trimestres anteriores (com os trimestres correspondentes em 2009), quanto o próprio resultado anual estavam “inflados” pelo efeito estatístico da base de comparação haver coincidido com os períodos em que se fizeram sentir com maior intensidade os efeitos negativos da crise financeira internacional de 2008/2009.

Já valor adicionado bruto<sup>28</sup> da economia mineira aumentou 9,7% na comparação anual (expansão de 6,7% na economia nacional de 2009 para 2010), e 7,0% na comparação do 4º trimestre (4,2% no Brasil, em relação ao 4º trimestre de 2009). (Tabela 2)

O desempenho do valor adicionado na produção industrial em Minas Gerais superou amplamente o observado no âmbito nacional ao longo de todo o ano. Encerrou 2010 com crescimento de 15,6%, enquanto o brasileiro aumentou 10,1% - diferença de 5,5 pontos percentuais que pode ser atribuída principalmente à forte expansão da indústria extrativa mineral.

<sup>27</sup> Taxa de crescimento real em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

<sup>28</sup> Corresponde ao conceito de PIB a preços básicos, em oposição ao conceito de PIB a preços de consumidor - que inclui os impostos indiretos líquidos de subsídios.



TABELA 2 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL (%) DO VALOR ADICIONADO BRUTO, SEGUNDO SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA - MINAS GERAIS E BRASIL - 2010

SETORES DE ATIVIDADE	TRIMESTRAL (1)				ACUMULADA NO ANO (2)				ANUALIZADA (3)			
	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV
MINAS GERAIS	12,4	10,1	9,8	7,0	12,4	11,2	10,7	9,7	1,8	5,6	9,3	9,7
Agropecuário	4,9	10,2	8,1	-4,7	4,9	8,3	8,2	6,4	0,6	5,4	11,2	6,4
Industrial	24,2	19,2	12,9	8,1	24,2	21,5	18,4	15,6	-2,6	6,4	14,1	15,6
Serviços	7,6	6,6	8,2	6,2	7,6	7,1	7,4	7,1	4,1	5,4	6,8	7,1
BRASIL	8,4	8,5	5,9	4,2	8,4	8,4	7,5	6,7	2,0	4,8	6,8	6,7
Agropecuário	5,4	10,4	7,0	1,1	5,4	8,1	7,8	6,5	-2,7	1,9	5,9	6,5
Industrial	15,1	14,1	8,3	4,3	15,1	14,5	12,3	10,1	-0,4	5,6	10,2	10,1
Serviços	6,2	6,0	4,9	4,6	6,2	6,1	5,7	5,4	3,5	4,8	5,7	5,4

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI) - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac)

(1) Compara o trimestre de referência com igual trimestre do ano anterior. (2) Compara o resultado acumulado no ano até o trimestre de referência com igual período do ano anterior. (3) Compara o resultado acumulado nos doze meses que se completam no trimestre de referência com igual período imediatamente anterior.

No 4º trimestre de 2010, comparativamente ao mesmo trimestre de 2009, a indústria mineira cresceu 8,1% e a nacional, 4,3%.

Nas atividades do setor de serviços, o aumento de 7,1% da produção mineira em 2010 também foi maior que o resultado anual para o Brasil, de 5,4%. Tomando-se como referência o último trimestre de 2010 (cotejado com igual período em 2009), o valor adicionado bruto estadual dos serviços cresceu 6,2% e o brasileiro, 4,6%.

A agropecuária foi a única atividade em que variações nos valores adicionados estadual e nacional apresentaram resultados praticamente similares no acumulado de 2010; 6,4% e 6,5%, respectivamente.

No comparativo trimestral, entretanto, observa-se retração de 4,7% da agropecuária de Minas Gerais no quarto trimestre de 2010 (em relação ao mesmo trimestre do ano anterior), enquanto, no Brasil, a atividade registrou um pequeno acréscimo (1,1%).

## AGROPECUÁRIA

No acumulado do ano de 2010, a agropecuária mineira cresceu 6,4% em relação ao mesmo período de 2009. Nessa comparação, a agricultura cresceu 8,5% e a pecuária, apenas 1,0%. No quarto trimestre de 2010 <sup>29</sup> relativamente ao mesmo trimestre do ano anterior, a agropecuária estadual teve retração de 4,7%.

O resultado no trimestre reflete os decréscimos de 6,6% da produção vegetal e de 6,5% da produção animal. A produção estadual de grãos (algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho, soja, sorgo e trigo) da safra de 2009/2010 <sup>30</sup> atingiu 10,2 milhões toneladas, o que representa queda de 2,6% sobre a safra anterior.

Evidenciam-se fracos resultados para as culturas de trigo (-15,9%), alho (-13,8%), abacaxi (-13,1%), mamona (-11,5%), amendoim (-11,5%), arroz (-10,1%), uva (-10,0%), mandioca (-8,0%), milho (-6,8%), e coco-da-baía (-1,5%). Por outro lado, observam-se acréscimos nas safras de café (25,9%), sorgo (12,0%), laranja (9,0%), cebola (7,6%), soja (5,5%), banana (5,4%), cana-de-açúcar (5,1%), tomate (3,0%), batata (0,9%) e de algodão (0,1%).

Destaca-se que, no acumulado de 2010, o resultado da produção agrícola correspondeu principalmente ao aumento das produções de café, cana-de-açúcar, silvicultura e exploração florestal e soja, produtos de grande peso na produção mineira agrícola e que foram preponderantes em 2010.

A produção de *café*, principal produto da pauta agrícola estadual, cresceu 25,9% na última safra. Este ganho substancial deve-se principalmente ao fato de que 2010 correspondeu a ano de alta no ciclo bianual da cultura, havendo ainda melhoria nos preços recebidos pelos produtores - de 12,6%, em média, em relação ao ano anterior. Além de representar 50,7% da produção nacional, Minas Gerais aumentou sua participação no mercado internacional e obteve receita cambial de US\$ 4,087 bilhões (F.O.B.) - crescimento de 41,6% em relação a 2009, representando 13,1% das exportações estaduais.

As vendas externas alcançaram o maior volume, alta de 12,3% na comparação com o ano anterior, segundo dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do

---

<sup>29</sup> É importante ressaltar novamente que o valor adicionado de uma atividade é a diferença entre o valor de produção e o consumo intermediário.

<sup>30</sup> Dados do LSPA de janeiro de 2011.

Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior <sup>31</sup>. Quanto ao mercado interno, conforme a Associação Brasileira de Indústria de Café - ABIC, o consumo per capita de café torrado no Brasil quebrou o recorde registrado há 45 anos. Em 2010, o consumo <sup>32</sup> foi de 4,81 quilos por habitante, volume que supera os 4,72 quilos registrados em 1965 pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC), até então, o maior índice. <sup>33</sup>

TABELA 1 - PRINCIPAIS DESTAQUES DA SAFRA AGRÍCOLA - MINAS GERAIS - 2008/2009-2009/2010

PRODUTO	PRODUÇÃO (t)		VARIÇÃO (%)
	2008/2009	2009/2010 (1)	
Abacaxi (2)	255.756	222.154	-13,1
Algodão herbáceo	55.767	55.810	0,1
Alho	22.188	19.120	-13,8
Amendoim	10.711	9.481	-11,5
Arroz	128.310	115.409	-10,1
Banana	620.886	654.315	5,4
Batata inglesa	1.134.199	1.144.183	0,9
Café	1.195.488	1.505.630	25,9
Cana-de-açúcar	58.384.105	61.343.211	5,1
Cebola	110.264	118.649	7,6
Coco-da-Baía (2)	39.874	39.291	-1,5
Feijão	602.274	623.994	3,6
Laranja	749.537	816.743	9,0
Mamona	10.088	8.923	-11,6
Mandioca	863.921	795.192	-8,0
Milho	6.536.545	6.089.992	-6,8
Soja	2.751.431	2.902.464	5,5
Sorgo	271.058	303.573	12,0
Tomate	477.921	492.229	3,0
Trigo	100.979	84.902	-15,9
Uva	11.773	10.590	-10,1

Fonte: Dados básicos: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Produção Agrícola Municipal (PAM), Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA)

(1) Previsão de safra realizada em janeiro/2011. (2) Produção em mil frutos.

Quanto à cultura de cana-de-açúcar, segundo produto agrícola mineiro, o crescimento de 5,1% foi motivado pela instalação de novas usinas sucroalcooleiras e pela expansão daquelas já instaladas, o que demandou aumento de área para plantio <sup>34</sup> e de produção. Esse fato manteve Minas Gerais como segundo maior produtor de cana-de-açúcar do Brasil pelo segundo ano

<sup>31</sup> Café não torrado, não descafeinado, em grão. Disponível no sítio:

<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1078&refr=1076>. Acesso em março de 2011.

<sup>32</sup> Disponível no sítio: <http://www.abic.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=61#aumento2010>. Acesso em março de 2011.

<sup>33</sup> O consumo registrado equivale a quase 81 litros de café por pessoa ao ano, que é 3,5% maior que o registrado em 2009.

<sup>34</sup> Conforme o LSPA a área plantada de cana-de-açúcar cresceu 5,1% no Estado de Minas Gerais.

consecutivo, à frente do estado do Paraná. Destaca-se que, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, que o açúcar de cana foi o 5º produto <sup>35</sup> de exportação mineira no ano de 2010, com aumento de 60,5% em valor (US\$) e de 12,3% em volume.

Já a atividade “silvicultura e exploração vegetal” teve crescimento de 8,3% incentivado pelos aumentos da demanda de carvão vegetal (8,3%) e pela produção de madeira para papel e celulose (13,3%). Trata-se de uma recuperação em relação ao igual período de 2009.

O crescimento de 5,5% da produção de soja foi associado a sua maior liquidez, que motivou produtores das principais regiões a optarem pelo cultivo deste grão. Além disso, foram influenciados pelos preços do milho e mesmo do feijão que se mantiveram insatisfatórios em boa parte do ano de 2010.

Na produção animal <sup>36</sup>, apesar dos acréscimos observados no volume da produção de suínos (4,2%), leite (2,7%), ovos (1,8%) e avicultura (1,4%), a estagnação da bovinocultura de corte (0,0%) puxou para baixo o resultado global da pecuária mineira.

A oferta de animais para abate manteve-se inalterada em 2010, estimulando um aumento de 4,8% no preço médio recebido pelos produtores pela arroba do boi gordo <sup>37</sup> comparativamente ao ano anterior. Tal fato pode ser explicado pela escassez de oferta e aumento da demanda, tanto no mercado interno - em função da melhoria de renda do consumidor-, quanto para exportação em boa parte do ano. Assim, conforme a Conab - Companhia Nacional de Abastecimento <sup>38</sup>, a melhoria nos preços da arroba do boi marcou a cadeia produtiva da carne em 2010, gerando incremento de renda para os pecuaristas.

O ano foi atípico para a pecuária de corte, considerando-se que a falta de boi no mercado obrigou os frigoríficos a trabalharem abaixo da capacidade. O volume das exportações de carne bovina, no entanto, apresentou queda de 7,5% no ano de 2010. As receitas em dólar apresentaram recuperação, encerrando o ano com um crescimento da ordem de 9,1%, configurando, assim, a recuperação dos efeitos da crise internacional de 2008 nos preços da carne no mercado externo.

Os preços mais elevados de carne bovina, especialmente dos cortes “menos nobres”, motivaram os consumidores a buscar alternativas, influenciando a forte valorização das carnes de frango e suína. O aumento de 4,2% na produção de suínos veio acompanhado por um aumento de

<sup>35</sup> Os quatro primeiros produtos foram respectivamente: Minérios de ferro não aglomerados; Café não torrado, não descafeinado, em grão; Ferronióbio; e Ouro em barras, fios, etc.

<sup>36</sup> Fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pesquisa do Abate de Animais - Associação Brasileira de Produtores de Pintos de Corte (Apinco) - Associação dos Avicultores de Minas Gerais (Avimig).

<sup>37</sup> Ver preço da arroba do boi gordo da Fundação Getúlio Vargas.

<sup>38</sup> Disponível no sítio: [http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/10\\_12\\_06\\_11\\_55\\_36\\_bovinanovembro2010.pdf](http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/10_12_06_11_55_36_bovinanovembro2010.pdf). Acesso em março de 2011.

20,2% dos preços, conforme dados da Associação dos Suinocultores do Estado de Minas Gerais - ASEMG. A suinocultura mineira se beneficiou do aumento do consumo de carne suína no ano de 2010, impulsionado principalmente pelos preços mais altos da carne bovina. A avicultura de corte também teve desempenho positivo em 2010, acumulando aumento de 34,9% nas receitas e de 16,3% no volume exportado de carne de aves. A produção de ovos cresceu, mas os preços caíram 1,4%.

Estima-se que a participação da produção de leite, produto importante na pecuária mineira, tenha sido de 8,1 bilhões de litros em 2010, o equivalente a um aumento de 2,7% em relação ao ano anterior. Minas Gerais é o maior produtor de leite do país. É importante ressaltar que, conforme dados da Fundação Getúlio Vargas, o setor apresentou um aumento de 8,7% no preço recebido pelos produtores em relação ao ano anterior.

## INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS

O valor adicionado bruto no setor industrial de Minas Gerais, em 2010, apresentou crescimento, em volume, de 15,6%. Este resultado ficou significativamente acima do registrado para o conjunto da indústria brasileira (10,1%) e, em boa medida, reflete a ocupação da capacidade ociosa criada pela retração de 2009.<sup>39</sup> (Tabela 1)

Dado o peso das atividades na indústria de transformação no conjunto do complexo industrial mineiro,<sup>40</sup> seu desempenho acompanha de perto a evolução do total no setor industrial. Assim, registrou-se, em 2010, um crescimento de 16,8% no valor adicionado neste subsetor em Minas (9,7% no Brasil).

TABELA 1 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL (%) DO VALOR ADICIONADO BRUTO NO SETOR INDUSTRIAL - MINAS GERAIS E BRASIL - 2010

SETORES DE ATIVIDADE	TRIMESTRAL (1)				ACUMULADA NO ANO (2)				ANUALIZADA (3)			
	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV
MINAS GERAIS	24,2	19,2	12,9	8,1	24,2	21,5	18,4	15,6	-2,6	6,4	14,1	15,6
Extr. Mineral	56,3	32,8	25,1	21,4	56,3	42,6	35,7	31,8	-7,2	8,7	26,4	31,8
Transform.	28,9	24,1	12,8	5,4	28,9	26,4	21,2	16,8	-3,4	8,2	17,0	16,8
Constr. Civil	11,5	7,8	8,2	7,6	11,5	9,6	9,1	8,7	4,2	6,0	7,8	8,7
SIUP	4,7	4,0	9,8	9,1	4,7	4,4	6,2	6,9	-3,2	-1,2	3,6	6,9
BRASIL	15,1	14,1	8,3	4,3	15,1	14,5	12,3	10,1	-0,4	5,6	10,2	10,1
Extr. Mineral	14,7	16,6	16,6	14,8	14,7	15,6	16,0	15,7	3,5	8,5	13,5	15,7
Transform.	17,3	14,1	7,1	2,4	17,3	15,6	12,5	9,7	-1,2	5,6	10,5	9,7
Constr. Civil	15,1	16,6	9,6	6,2	15,1	15,9	13,6	11,6	-0,7	5,6	10,7	11,6
SIUP	8,4	10,0	8,0	5,1	8,4	9,2	8,8	7,8	0,5	3,7	6,6	7,8

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI) - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac)

(1) Compara o trimestre de referência com igual trimestre do ano anterior. (2) Compara o resultado acumulado no ano até o trimestre de referência com igual período do ano anterior. (3) Compara o resultado acumulado nos doze meses que se completam no trimestre de referência com igual período imediatamente anterior.

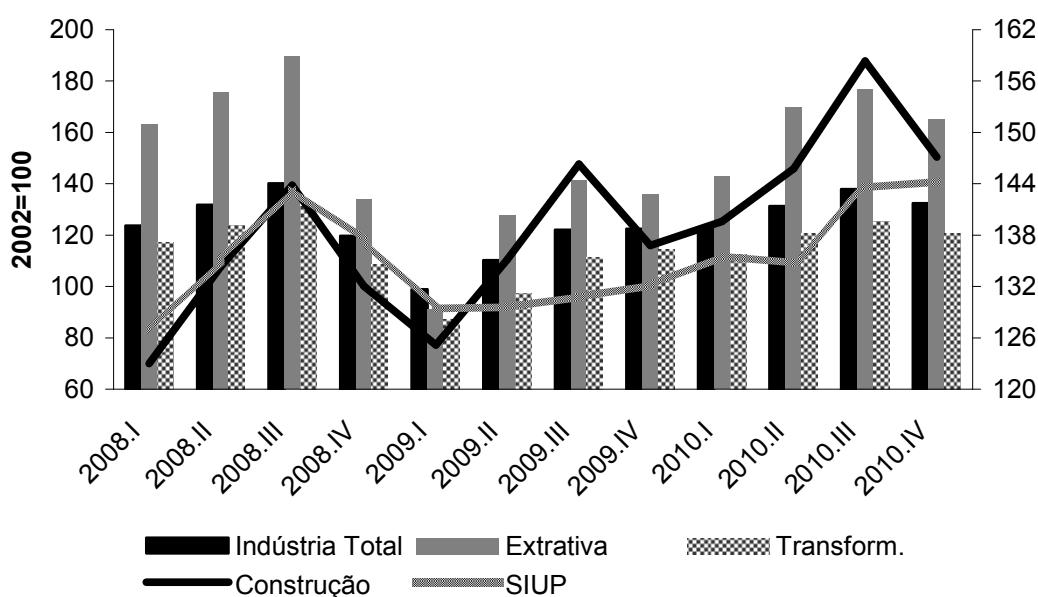
Não obstante esta diferença de desempenho - entre a indústria de transformação mineira e a nacional -, foi a excepcional e rápida recuperação da indústria de extração mineral o elemento isolado que mais contribuiu para o crescimento da indústria em Minas Gerais no ano passado.

<sup>39</sup> Em 2009, o valor adicionado pelo setor industrial havia sido reduzido, em volume, em 6,4% no conjunto da economia brasileira, e em 12,0% na economia de Minas Gerais.

<sup>40</sup> Os últimos dados disponíveis indicam que o valor adicionado pela indústria de transformação correspondeu a 58% do total gerado pela indústria mineira ([http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/component/docman/doc\\_download/550-infocei-pibmg-20083](http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/component/docman/doc_download/550-infocei-pibmg-20083)). No Brasil, os dados das Contas Nacionais Trimestrais (4º Trimestre de 2010) também indicaram a proporção de 58% para a parcela do valor adicionado industrial criado na indústria de transformação. Esta última informação foi obtida a partir dos dados disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm>. Acesso em março de 2011.

Embora a média anual do índice de volume do valor adicionado na indústria de extração mineral ainda não tenha superado o patamar alcançado em 2007-2008 (Gráfico 1), impressiona o crescimento de 31,8% na comparação entre 2009 e 2010 (15,7% na economia brasileira).<sup>41</sup>

GRÁFICO 1 - ÍNDICE DE VOLUME DO VALOR ADICIONADO BRUTO NO SETOR INDUSTRIAL - MINAS GERAIS - 1º TRIMESTRE DE 2008/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI)

Mesmo que, em termos relativos, a expansão do valor adicionado na indústria da construção civil e na produção e distribuição de eletricidade, gás, água, saneamento e limpeza urbana não tenha alcançado cifras tão impressionantes em Minas Gerais, não deixam de ser relevantes as taxas de crescimento anual nestes dois subsetores: respectivamente, 8,7% e 6,9%. No Brasil, a expansão anual, em volume, do nível de atividade econômica nestes dois subsetores foi de, respectivamente, 11,6% e 7,8%. (Tabela 1)

Os resultados alcançados na comparação do valor adicionado bruto no trimestre de 2010, em relação ao mesmo trimestre de 2009, podem ser interpretados como indicadores mais sensíveis às mudanças no ritmo de expansão do nível de atividade. Neste sentido, há evidência de clara desaceleração do crescimento industrial recente em Minas Gerais. O índice de volume do produto da indústria, no 2º trimestre de 2010, estava 19,2% acima do registrado em igual trimestre no ano

<sup>41</sup> 89,2% do valor bruto da produção na indústria de transformação estadual em 2008 foram obtidos com a extração de minério de ferro, enquanto que, no Brasil, esta proporção correspondeu a 16,5%. Para a economia brasileira, a indústria de extração do petróleo e gás natural gerou 50,6% do valor bruto da produção na extração mineral. Dados obtidos a partir de informações disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/produtos/produto2008/defaultproduto.shtm>. Acesso em março de 2011.

anterior; no 3º trimestre, 12,9% maior; e no 4º trimestre, 8,1% superior. Semelhante desaceleração também ocorreu no âmbito da economia nacional, de 14,1% no 2º trimestre para 8,3% no 3º trimestre e 4,3% no 4º trimestre. (Tabela 1)

A redução do ritmo de crescimento é mais intensa na indústria de transformação: em Minas, de 24,1% no 2º trimestre para 12,8% no 3º trimestre e 5,4% no 4º trimestre do ano passado; no Brasil, de 14,1% no 2º trimestre para 7,1% no 3º trimestre e somente 2,4% no 4º trimestre. (Tabela 1)

Nas atividades da indústria de transformação, em Minas, o segmento que apresentou maior dinamismo no último trimestre de 2010 foi o da fabricação de “outros produtos químicos” (principalmente, adubos e fertilizantes, oxigênio e “silício metálico”<sup>42</sup>). As atividades agrupadas neste segmento são bastante heterogêneas, incluindo desde produtos vinculados à montante com o agronegócio quanto produtos com elevado conteúdo tecnológico, e seu excepcional crescimento recente - 22,4% na comparação anual e 27,5% na comparação trimestral - é uma excelente notícia.

TABELA 2 - ÍNDICE DE VOLUME DA PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL (2007=100) - MINAS GERAIS - 4º TRIMESTRE DE 2008 - 4º TRIMESTRE DE 2010

ATIVIDADE INDUSTRIAL	ÍNDICE DE PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL									VARIÇÃO (%)	
	2008.IV	2009.I	2009.II	2009.III	2009.IV	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV	(1)	(2)
Alimentos	107,3	104,5	107,3	116,7	114,3	110,2	116,5	119,5	112,6	-1,5	3,6
Bebidas	112,5	92,0	93,3	97,1	111,9	105,9	99,2	102,5	120,6	7,8	8,6
Fumo	101,8	104,0	83,6	86,4	94,1	96,0	84,4	84,8	91,3	-3,0	-3,2
Têxtil	87,7	76,8	81,7	86,7	84,5	83,9	89,0	87,9	82,6	-2,3	4,1
Celulose e prod. de papel	103,2	104,3	96,1	105,6	105,7	106,2	89,5	102,5	106,9	1,2	-1,6
Refino	110,4	89,2	110,7	121,6	111,1	95,7	122,6	126,5	114,3	2,9	6,2
Outros prod. químicos	92,1	71,4	64,2	91,4	102,4	85,7	81,5	105,7	130,5	27,5	22,4
Minerais não-metálicos	109,8	93,3	100,0	109,1	110,3	106,8	119,2	123,9	116,2	5,4	12,9
Metalurgia básica	86,5	55,3	69,8	81,7	86,7	88,4	95,8	96,7	92,3	6,6	27,2
Produtos de metal	88,4	63,2	68,8	70,6	70,0	67,8	71,7	73,1	68,5	-2,2	3,1
Máquinas e equipamentos	100,5	49,5	61,3	74,1	108,8	102,3	129,6	125,2	99,2	-8,8	55,3
Veículos automotores	66,8	82,7	97,4	111,3	97,5	95,0	102,2	110,2	102,5	5,2	5,4

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF)

(1) Trimestral: compara o 4º trimestre de 2010 com o 4º trimestre de 2009. (2) Anualizada: compara o resultado acumulado nos quatro trimestres completados em dezembro de 2010 com igual período imediatamente anterior.

Também merecem destaque: a recuperação da produção de máquinas e equipamentos<sup>43</sup> (55,3% na média anual de 2010 em relação a 2009), apesar da retração observada no último trimestre do ano passado (8,8% abaixo do registrado no quarto trimestre de 2010); o crescimento do

<sup>42</sup> Silício em ligas por fusão com quartzo em discos, plaquetas e formas análogas para uso em eletrônica.

<sup>43</sup> Principalmente: eletro-portáteis domésticos, escavadeiras, ferros elétricos de passar, motoniveladores e tratores de esteira.



produto agregado pela metalurgia básica <sup>44</sup> (27,2% na comparação anual e 6,6% na comparação trimestral) e do produto de minerais não-metálicos <sup>45</sup> (12,9% na comparação anual e 5,4% na comparação trimestral).

Apresentaram retração do nível de produção: indústria do fumo ( - 3,2% na comparação anual e - 3,0% na comparação trimestral); celulose e produtos de papel (- 1,6% na comparação anual e 1,2% na comparação trimestral).

Já o valor adicionado nas atividades do setor de serviços em Minas Gerais, na comparação entre os resultados anuais de 2009 e de 2010, expandiu-se 7,1% em volume. Este foi um desempenho excepcional, vinculado ao forte dinamismo observado na atividade industrial, que transbordou para a produção de serviços através de dois canais principais: de um lado, há a demanda intersetorial da indústria para os fornecedores de serviços produtivos, de outro, há a demanda por serviços finais para consumo das famílias, cuja massa de rendimentos responde ao efeito multiplicador dos postos de trabalho originalmente gerados na indústria.

Evidência da atuação destes mecanismos é encontrada no desempenho do produto nas atividades de transportes, armazenagem e correios, no comércio e serviços de reparação e manutenção, e no segmento denominado “outros serviços” <sup>46</sup>, que tiveram crescimento real de, respectivamente, 13,4%, 10,6%, e 6,8% no ano passado. (Tabela 3)

Outros indicadores da evolução do nível de atividade econômica no setor de transportes são também eloquentes: por exemplo, as vendas de óleo diesel (em barris equivalentes de petróleo) realizadas em Minas Gerais, pelas distribuidoras, foram 12% maiores em 2010 do que registrado no ano anterior (dados obtidos na Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis - ANP); <sup>47</sup> no mesmo período, a tonelage do transporte ferroviário de carga com origem em Minas Gerais aumentou 21% e o número de passageiros no transporte aéreo originado no Estado cresceu 27% (dados obtidos do índice de desempenho econômico do transporte - IDET, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP - FIPE). <sup>48</sup>

Na comparação entre os desempenhos macroeconômicos no Estado e no Brasil, também no setor de serviços o crescimento real do produto foi bem mais acentuado em Minas Gerais: aqui, o índice de volume do valor adicionado bruto nos serviços foi 7,1% maior em 2010; no país como um todo, o mesmo índice foi 5,4% maior. (Tabela 3)

<sup>44</sup> Principalmente: bobinas e chapas de aço, ferro-gusa, ferronióbio, fio-máquina de aços, lingotes e placas de aço.

<sup>45</sup> Principalmente: cal e cimento, massa de concreto para construção e cerâmica para construção e acabamento de imóveis.

<sup>46</sup> Embora a composição de atividades em “outros serviços” seja heterogênea, algumas são fortemente dependentes dos setores produtores de bens, como é o caso da intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados (8% do valor adicionado bruto no setor de serviços mineiro, em 2008), dos serviços de informação (5%), e dos serviços prestados às empresas (7%).

<sup>47</sup> Informações disponíveis no sítio: <http://www.anp.gov.br/?id=548>. Acesso em março de 2011.

<sup>48</sup> Informações disponíveis no sítio: <http://www.fipec.org.br/web/index.asp>. Acesso em março de 2011.

Quando observados os subsetores das atividades de serviços para os quais se dispõem de informações relativas à evolução do valor adicionado, se verifica que esta diferença foi praticamente generalizada - o comércio foi a exceção, com expansão no ano de 2010, em volume, muito próximas: 10,6% em Minas e 10,7% no Brasil. (Tabela 3)

Nos demais subsetores, houve claro predomínio do crescimento em Minas Gerais: 13,4% contra 8,9% no produto gerado pelos transportes, armazenagem e correios; 3,6% contra 1,7% nas atividades imobiliárias e aluguel; 4,1% contra 2,3% na produção da administração, saúde e educação públicas; e 6,8% contra 5,6% em “outros serviços”. (Tabela 3)

TABELA 3 - TAXAS DE CRESCIMENTO REAL (%) DO VALOR ADICIONADO BRUTO NO SETOR DE SERVIÇOS  
- MINAS GERAIS E BRASIL - 2010

SETORES DE ATIVIDADE	TRIMESTRAL (1)				ACUMULADA NO ANO (2)				ANUALIZADA (3)			
	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV
MINAS GERAIS	7,6	6,6	8,2	6,2	7,6	7,1	7,4	7,1	4,1	5,4	6,8	7,1
Comércio	11,5	9,9	10,3	10,8	11,5	10,6	10,5	10,6	7,0	8,6	10,1	10,6
Transportes	17,8	16,4	12,7	7,8	17,8	17,1	15,5	13,4	1,2	7,7	12,8	13,4
Aluguel	4,1	3,5	2,9	3,8	4,1	3,8	3,5	3,6	4,3	4,1	3,7	3,6
APU	3,5	1,1	8,6	3,3	3,5	2,3	4,4	4,1	2,9	2,6	3,9	4,1
Outros Serv.	7,2	7,0	7,4	5,6	7,2	7,1	7,2	6,8	3,6	5,1	6,6	6,8
BRASIL	6,2	6,0	4,9	4,6	6,2	6,1	5,7	5,4	3,5	4,8	5,7	5,4
Comércio	15,3	12,1	9,0	7,5	15,3	13,6	12,0	10,7	3,2	7,5	10,8	10,7
Transportes	12,5	11,1	7,5	5,3	12,5	11,8	10,3	8,9	1,7	6,1	8,9	8,9
Aluguel	1,6	1,7	1,5	1,9	1,6	1,7	1,6	1,7	1,9	2,0	2,0	1,7
APU	2,5	2,9	2,3	1,5	2,5	2,7	2,6	2,3	3,1	3,1	2,9	2,3
Outros Serv.	5,1	5,7	5,4	6,0	5,1	5,4	5,4	5,6	4,7	5,3	5,6	5,6

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI) - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac).

(1) Compara o trimestre de referência com igual trimestre do ano anterior. (2) Compara o resultado acumulado no ano até o trimestre de referência com igual período do ano anterior. (3) Compara o resultado acumulado nos doze meses que se completam no trimestre de referência com igual período imediatamente anterior.

Outros indicadores confirmam o desempenho diferenciado do nível de atividades dos transportes no Estado durante o ano passado: a tonelage de carga no modal ferroviário cresceu 16% no Brasil (21% em Minas), o número de passageiros embarcados no transporte aeroviário aumentou 21% no Brasil (27% em Minas), segundo os dados da FIPE. Já as vendas de óleo diesel - que servem como indicador aproximado do nível de atividade no transporte de carga rodoviário - evoluíram de modo praticamente igual no país (11,6%) e no Estado (12,0%), segundo os dados da ANP.

No que diz respeito ao comportamento do indicador trimestral de volume do valor adicionado em serviços, no último trimestre do ano passado confirmou-se em Minas a tendência de desaceleração do ritmo de crescimento que já havia se consolidado ao nível nacional.

A taxa de crescimento (comparação com igual trimestre no ano anterior) no último trimestre (6,2%) foi a menor registrada no setor em 2010.

Em particular, esta desaceleração foi particularmente intensa nos transportes - cujo produto é muito sensível à demanda oriunda dos setores produtores de bens -, e não foi, ainda, generalizada, pois o produto das atividades de comércio não apenas apresentou elevada taxa de crescimento trimestral (10,8%), como esta foi superior à observada nos dois trimestres anteriores.

Nas Contas Nacionais Trimestrais, as estimativas do IBGE/CONAC para o crescimento do volume produzido nestes dois subsetores de serviços, no Brasil, foram consistentemente reduzidas ao longo de 2010.

O comportamento das taxas trimestrais no comércio <sup>49</sup> é, portanto, uma particularidade do desempenho do setor em Minas Gerais.

No gráfico 2 (abaixo), é notável que o índice de volume do valor adicionado no comércio, do terceiro para o quarto trimestres do ano passado, expandiu-se com um ritmo superior ao registrado no mesmo período em 2009.

Nos demais subsetores de serviços em Minas, ocorreu o contrário - o que pode ser interpretado como mais uma indicação que a desaceleração recente do ritmo de crescimento do produto real nos serviços apresenta uma única exceção: as atividades comerciais. <sup>50</sup>

Na tabela 4 (abaixo), são detalhados os resultados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) para Minas Gerais.

Sua abrangência é restrita aos segmentos varejistas, para os quais foi estimado um crescimento médio de 11,3% no volume de vendas na comparação entre os resultados anuais de 2009 e de 2010.

Na comparação entre as médias do quarto trimestre, de 2009 e de 2010, houve crescimento das vendas, em volume, de 11,2%.

A conclusão mais relevante que se pode obter desta tabela é que o crescimento real da atividade comercial foi praticamente generalizado.

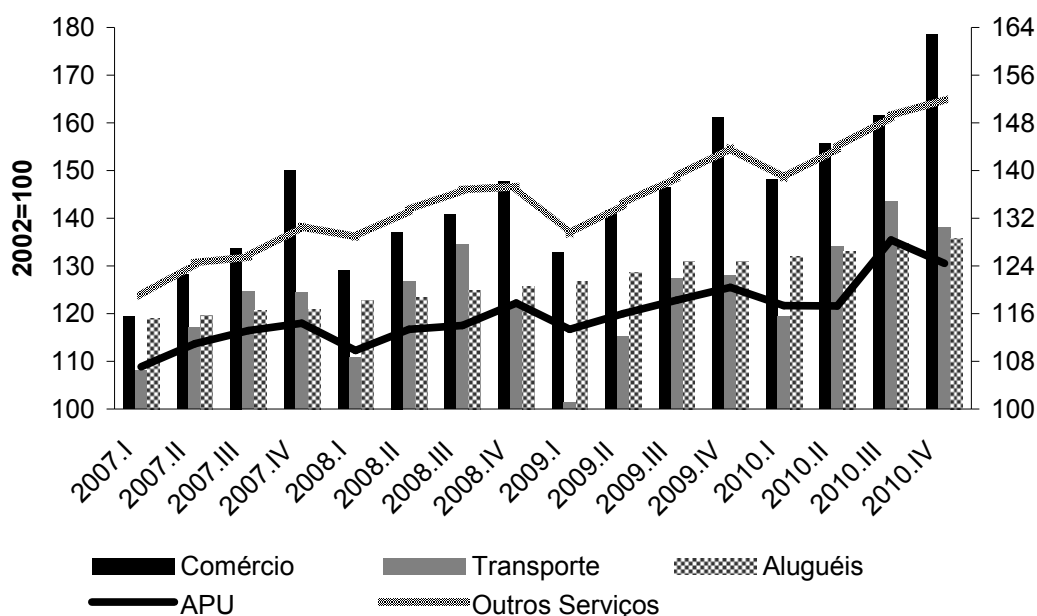
Entre os segmentos de atuação, as principais diferenças foram antes relacionadas à intensidade da expansão nas vendas, mas não no que respeita à direção do movimento.

---

<sup>49</sup> Indicação de aceleração do crescimento, em volume, do valor adicionado bruto.

<sup>50</sup> No resultado anual de 2008, 22% do valor adicionado bruto no setor de serviços no Estado foi gerado nas atividades do comércio e dos serviços de manutenção e reparação.

GRÁFICO 2 - ÍNDICE DE VOLUME DO VALOR ADICIONADO BRUTO EM ATIVIDADES DO SETOR DE SERVIÇOS - MINAS GERAIS - 1º TRIMESTRE DE 2008 - 4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI)

TABELA 7 - ÍNDICE DE VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA (2007=100) - MINAS GERAIS - 4º TRIMESTRE DE 2008 - 4º TRIMESTRE DE 2010

ATIVIDADE COMERCIAL	ÍNDICE DE VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA									VARIÇÃO (%)	
	2008.IV	2009.I	2009.II	2009.III	2009.IV	2010.I	2010.II	2010.III	2010.IV	(1)	(2)
Combustíveis e lubrific.	116,4	103,6	112,0	121,2	123,7	113,7	124,6	133,4	131,6	6,4	9,3
Hipermercados, superm., prod. alim., beb. e fumo	111,1	100,5	105,1	108,7	120,4	110,4	112,2	117,4	127,9	6,2	7,6
Tecidos, vest. e calçados	123,4	81,5	104,6	98,8	133,1	90,0	115,1	109,8	144,1	8,2	9,8
Móveis e eletrodomésticos	129,4	101,5	101,3	108,0	136,8	124,4	126,9	134,2	175,2	28,1	25,3
Art. farm., médicos, ortop., perfumaria e cosméticos	120,6	118,3	127,1	132,7	135,3	131,1	133,9	142,1	149,1	10,2	8,3
Livros, jorn., rev. e papel.	128,8	163,2	102,8	108,8	135,5	159,6	103,3	115,3	146,6	8,1	2,8
Equip. e mat. de escritório, informática e comunic.	135,3	128,4	154,2	173,7	173,5	186,6	213,0	214,0	248,6	43,2	36,9
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	141,0	112,5	123,6	116,8	160,2	114,5	131,5	139,8	176,0	9,9	9,5
Veículos e motocicletas	105,3	111,8	123,7	134,5	134,2	142,8	143,9	159,1	171,2	27,6	22,4
Material de construção	109,6	96,1	103,1	121,6	122,0	116,3	123,4	137,2	133,3	9,2	15,2
TOTAL	118,0	102,6	108,2	112,3	127,8	114,7	119,7	125,5	142,1	11,2	11,3

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pesquisa Mensal do Comércio (PMC)

(1) Trimestral: compara o 4º trimestre de 2010 com o 4º trimestre de 2009. (2) Anualizada: compara o resultado acumulado nos quatro trimestres completados em dezembro de 2010 com igual período imediatamente anterior.

Na comparação entre os resultados anuais de 2009 e de 2010, os seguintes segmentos apresentaram expansão do volume de vendas acima da média do setor varejista: material de construção (15,2%), veículos e motocicletas (22,4%), móveis e eletrodomésticos (25,3%), e equipamentos e material de escritório, informática e comunicação (36,9%).

Por outro lado, o único segmento que apresentou fraco dinamismo foi o de livros, jornais, revistas e papelaria (2,8%).

Destes resultados, o mais intrigante continua a ser o desempenho das vendas de veículos automotores e motocicletas, pois sua expansão não encontra respaldo em aumento similar na produção física, conforme já havia sido assinalado na edição do 3º trimestre de 2010 deste boletim.

Na medida em que o nível de estoques desejado na indústria automobilística já se tenha ajustado - em relação aos efeitos da crise econômica de 2009 -, a continuidade da expansão nas vendas, se não produzir recomposição da produção implica redução das exportações e ampliação das importações, tanto no comércio com outras unidades da federação quanto com o exterior.

Na comparação entre os resultados do quarto trimestre de 2009 com o 4º trimestre de 2010, a expansão das vendas de materiais para construções (9,2%) ficou abaixo da média do conjunto de comércio varejista em Minas Gerais.

Veículos e motocicletas (27,6%), móveis e eletrodomésticos (28,1%), e equipamentos e material de escritório, informática e comunicação (43,2%) foram os principais responsáveis pela forte intensidade do crescimento recente das vendas no setor.

## EXPORTAÇÕES

As exportações mineiras foram de US\$ 9.468,7 milhões no quarto trimestre de 2010, o que correspondeu a 74,9% de crescimento em relação ao mesmo trimestre de 2009. Em relação ao terceiro trimestre de 2010, o valor das vendas externas de Minas Gerais se manteve praticamente constante (0,5%). Quanto às importações de Minas Gerais, elas somaram US\$ 2.583,9 milhões no quarto trimestre de 2010, o que representou crescimento de 35,6% em relação ao quarto trimestre de 2009.

Como o ritmo de crescimento das exportações de Minas Gerais no quarto trimestre de 2010 mostrou-se relativamente mais intenso do que a média nacional (74,9% e 38,3% em relação ao mesmo trimestre de 2009, respectivamente), registrou-se significativo avanço do coeficiente de participação relativa das vendas externas mineiras no valor total das exportações brasileiras: 16,6% no quarto trimestre de 2010, contra 13,4% no quarto trimestre de 2009. As importações mineiras, por sua vez, cresceram em ritmo menos acelerado do que a expansão média das compras externas brasileiras (35,5% e 42,2% em relação ao mesmo trimestre de 2009, respectivamente).

Os segmentos que mais influenciaram o comportamento das exportações de Minas Gerais no quarto trimestre de 2010 em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, bem como as taxas de crescimento a eles correspondentes são mostrados no Gráfico 1. Estes quatro principais segmentos responderam por cerca de setenta e nove por cento do total das vendas externas do Estado, tendo exercido forte influência no comportamento geral das exportações mineiras.

No que diz respeito ao comportamento das importações mineiras no quarto trimestre de 2010 em relação ao mesmo trimestre de 2009, os segmentos que exerceram maior influência foram: *Equipamentos Mecânicos* (37,1%), *Produtos Siderúrgicos* (119,1%), *Adubos e Fertilizantes* (32,8%), e *Combustíveis* (37,5%).

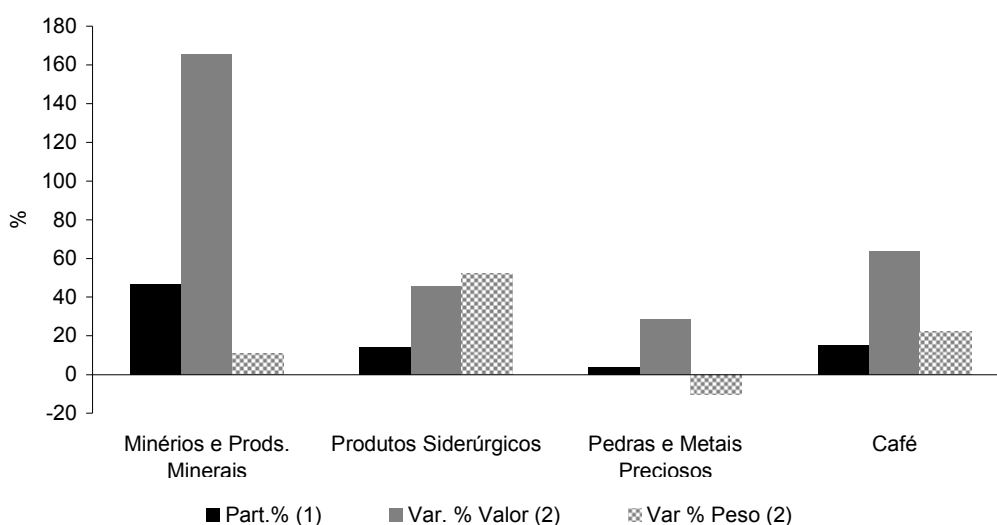
Pode-se dizer que, de modo geral, o comportamento das exportações no ano de 2010 confirmou a tendência de recuperação registrada após as dificuldades ocasionadas pela crise financeira internacional que atingiu o País em 2009.

Vale lembrar que em 2009, as exportações mineiras caíram 20,0% (tendo fechado 2009 em US\$ 19.518,6 milhões), as importações se retraíram 29,9% (US\$ 7.350,5 milhões ao final de 2009), e o *superávit* comercial sofreu queda de 12,6% (tendo fechado 2009 em US\$ 12.168,0 milhões).

No acumulado do ano 2010 comparativamente com ao ano 2009, observa-se que o crescimento das exportações mineiras foi expressivamente mais intenso do que a média nacional, e

são os seguintes os resultados do comércio exterior para Minas Gerais e para Brasil, em termos de taxa de crescimento: exportações (60,0% e 32,0%, respectivamente), importações (35,6% e 42,2%, respectivamente), *superávit* comercial (74,7% e -19,9%, respectivamente).

GRÁFICO 1 - PARTICIPAÇÃO E CRESCIMENTO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS - MINAS GERAIS - 4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Secretaria de Comércio Exterior (SECEX)

(1) No valor total das exportações do Estado. (2) Em relação ao 4º trimestre de 2009.

Portanto, também na comparação dos dados no acumulado de Janeiro-Dezembro/2010 em relação ao mesmo período do ano anterior, observa-se que as exportações mineiras cresceram em ritmo mais acelerado do que a média nacional.

O crescimento de 60,0% nas vendas externas das empresas mineiras em Janeiro-Dezembro/2010 está associado ao comportamento favorável dos preços internacionais de importantes produtos da pauta estadual (tais como *Minérios*, *Café* e *Produtos Siderúrgicos*) e ao aumento de 12,0% no volume físico dos embarques de mercadorias (175,8 milhões de toneladas no acumulado de Janeiro-Dezembro/2010, contra 156,9 milhões de toneladas em igual período de 2009).

As vendas externas de Minas Gerais em janeiro-dezembro de 2010 corresponderam a aproximadamente onze bilhões e setecentos milhões de dólares adicionais do que o valor exportado em igual período de 2009, e considerando-se os grupos de produtos segundo a intensidade dos insumos utilizados no processo produtivo, o desempenho foi o seguinte: (a) *Intensivos em Recursos*

*Naturais*, com 71,0% de crescimento e destaque para *Minérios e Produtos Minerais* (104,2% e participação de 44,4% na pauta mineira); (b) *Intensivos em Capital*, 42,4% de crescimento, com destaque para *Produtos Siderúrgicos* (38,6% e participação de 12,2%); (c) *Intensivos em Tecnologia*, com 28,1% de elevação, com destaque para *Veículos-Tratores e Ciclos* (20,4% e participação de 4,7%); e (c) *Intensivos em Mão de Obra*, 9,0% de crescimento, com destaque para *Móveis* (106,2% e participação de 0,1%).

Ao se analisar os segmentos de produtos exportados por Minas Gerais no acumulado de Janeiro-Dezembro/2010, aqueles que apresentaram as maiores taxas de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior foram: *Outros Materiais de Transporte* (5.601,9%, principalmente Veículos e Materiais para Vias Férreas), *Móveis* (106,2), *Minérios e Produtos Minerais* (104,2%), e *Papel e Celulose* (79,9%).

É importante destacar a expressiva recuperação ocorrida nas exportações de segmentos como *Móveis e Papel e Celulose* no período Janeiro-Dezembro/2010 em relação ao mesmo período do ano anterior. Estes setores que fecharam o ano 2009 com queda nas exportações (-34,9% e -18,4% em relação a 2008, respectivamente), apresentam forte ritmo de crescimento em Janeiro-Dezembro/2010.

Em termos de mercados de destino, registrou-se expansão das exportações para os quatro principais mercados compradores de produtos mineiros, no período Janeiro-Dezembro/2010 em relação ao mesmo período do ano anterior: *Ásia* (66,2%) - principal mercado de destino das exportações mineiras e que responde por 45,5% do valor total exportado pelo Estado - *União Européia* (54,0%, e participação de 26,0% nas exportações do Estado), *Nafta* (74,5% e 9,0% de participação) e *Mercosul* (68,6% e 7,1% de participação).

Em síntese, observa-se no acumulado de Janeiro-Dezembro/2010 em relação ao mesmo período do ano anterior, a recuperação das exportações para o *Nafta*, *União Européia e Mercosul*, mercados que haviam fechado 2009 com fortes quedas nas compras de produtos mineiros (-47,9%, -29,7% e -25,7% em relação a 2008, respectivamente).

A análise individual dos principais países importadores de produtos mineiros no acumulado de Janeiro-Dezembro/2010 em relação ao mesmo período do ano anterior aponta crescimento de vendas para a *China* (87,1%), *Japão* (101,7%), *Alemanha* (54,5%), *Estados Unidos da América* (69,1%) e *Argentina* (69,2%). Vale lembrar que ao final do ano 2009, dentre os cinco principais países compradores de produtos mineiros, registrou-se retração de vendas para os *Estados Unidos da América* (-48,7%), *Alemanha* (-41,5%), *Argentina* (-25,7%) e *Japão* (-19,6%); apenas a *China* havia ampliado suas compras (23,9%).



Em 2010, a *China* se mantém como o maior mercado comprador de produtos de Minas Gerais, seguida do *Japão*, *Alemanha* e *Estados Unidos da América*. É interessante destacar, também, a expressiva expansão das exportações mineiras para *Taiwan* (154,9%), para o *México* (117,4), *Japão* (101,7), e *Chile* (101,6%).

Os dados do ano de 2010 disponibilizados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) confirmaram o desempenho positivo das exportações das principais empresas mineiras no acumulado janeiro-dezembro de 2010 em relação ao mesmo período do ano anterior.

Registrou-se expansão das exportações das quatro maiores exportadoras: *Vale S.A.* (122,0%), *Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração* (64,9%), *Fiat Automóveis S.A.* (41,4%) e *Gerdau Açominas* (80,0%). Além disto, chama a atenção, a forte expansão das vendas externas da *Votorantim Metais Níquel* (202,9%).

Finalmente, em que pese o resultado favorável das exportações mineiras e brasileiras em 2010, não se pode desconsiderar que ele está sendo influenciado, sobretudo, pelos elevados preços de *commodities* agrícolas e minerais no mercado internacional, e pelo desempenho positivo da economia chinesa.

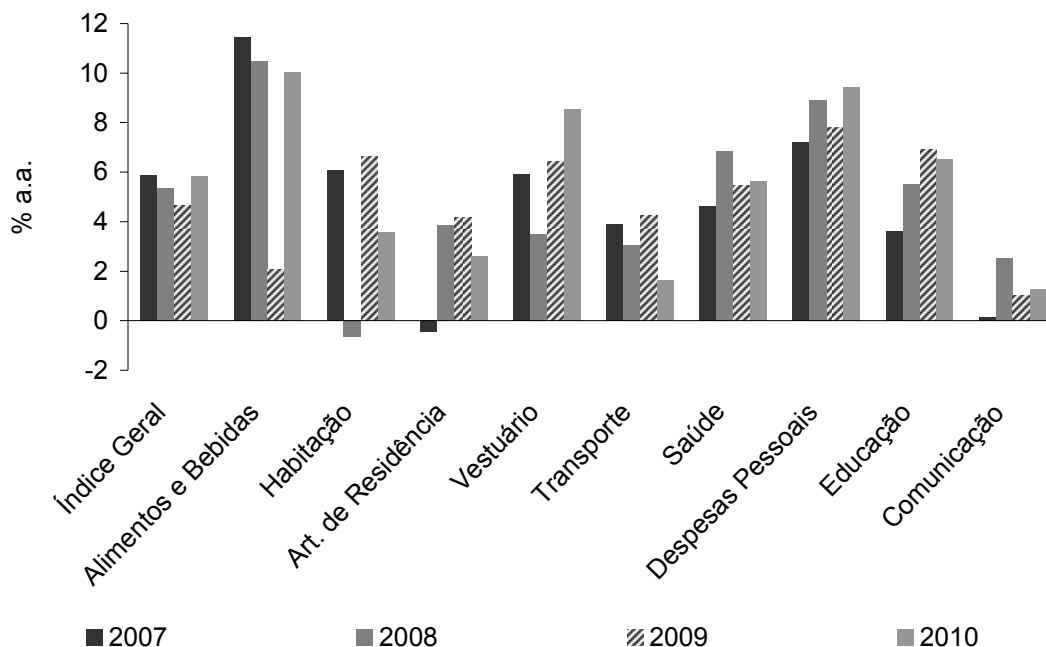
Associados a estes aspectos, pode-se dizer que o cenário de supervalorização do real e de perda de competitividade de produtos industrializados no mercado internacional são fatores que imprimem fragilidades aos resultados positivos do comércio exterior brasileiro e mineiro.

## INFLAÇÃO

A variação do IPCA da RMBH foi *de* 5,8% em 2010, índice praticamente similar ao brasileiro no período (5,9%). Comparativamente à inflação de 2009, o IPCA da RMBH apresentou aumento de 1,2 pontos percentuais (p.p) e o índice nacional, de 1,6 p.p.

A maior pressão veio do grupo alimentos e bebidas que, com participação superior a 20% na composição do índice, acumulou aumento de 10,0% na RMBH e de 10,4% no Brasil em 2010. O aumento da massa salarial provocou também o aumento da demanda por serviços, que constituíram o segundo maior fator de elevação no nível geral dos preços, tanto na RMBH, quanto Brasil. Na RMBH, o grupo despesas pessoais e alimentação fora do domicílio registraram, respectivamente, acréscimos de 9,4% e 10,8% no período.

GRÁFICO 1 - INFLAÇÃO ANUAL (EM % A.A.), POR GRUPO - REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) - 2007/2010



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sistema Nacional de Preços ao Consumidor (SNIPC) <sup>51</sup>

<sup>51</sup> Disponível no sítio: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc\\_ipca/defaultinpc.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultinpc.shtm). Acesso em março de 2011.

Em janeiro de 2011, observa-se uma substancial elevação do índice mensal da RMBH comparativamente ao mês de anterior; de 0,4% passa a 1,2% (no Brasil, de 0,6% para 0,8%). No mês seguinte, apesar do índice manter-se ainda elevado (0,7% para a RMBH e 0,8% para o Brasil), constata-se uma clara diferenciação nos índices por subgrupos relativamente ao mês anterior. Nos primeiros meses do ano, concentram-se as altas sazonais do grupo educação e transportes. O grupo alimentação e bebidas, por outro lado, apresentou sensível declínio em fevereiro (1,5% para 0,5% na RMBH e de 1,2% para 0,2% no Brasil).

TABELA 1: INFLAÇÃO MENSAL (EM %), POR GRUPO - REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) - OUTUBRO DE 2010/FEVEREIRO DE 2011

Mês-Ano	Índice Geral	Alimentos e Bebidas	Habitação	Art. de Residência	Vestuário	Transporte	Saúde	Despesas Pessoais	Educação	Comunicação
out-10	1,0	2,6	0,5	0,5	0,8	0,5	0,3	1,3	0,1	0,6
nov-10	0,7	2,2	0,0	-0,5	1,5	-0,3	0,5	0,8	0,0	0,5
dez-10	0,4	0,2	0,9	0,4	0,8	0,3	0,3	0,3	0,2	-0,1
jan-11	1,2	1,5	0,3	-0,3	0,2	3,1	0,4	1,0	0,1	0,5
fev-11	0,7	0,5	0,5	0,8	-1,1	-0,1	0,2	1,2	6,1	0,2

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sistema Nacional de Preços ao Consumidor (SNIPC)

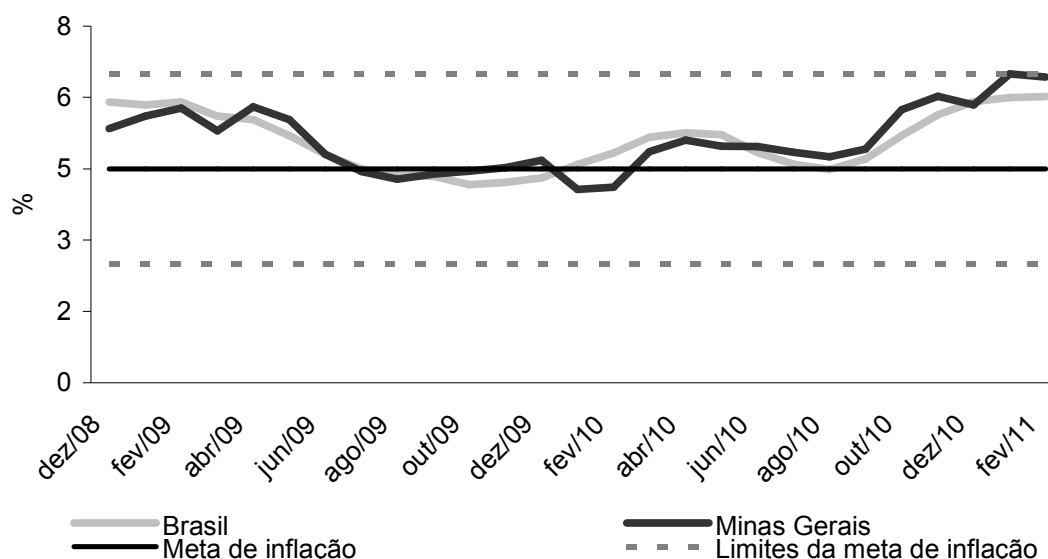
Na análise do acumulado em doze meses até janeiro de 2011, portanto, há uma deterioração no índice, que avança para 6,5% na RMBH e 6,0% no Brasil. Até fevereiro de 2011, tomando-se a mesma base comparativa, o índice nacional manteve-se estável em 6,0% e o estadual apresentou uma pequena redução (6,4%).

Esses índices apresentam-se bastante superiores à meta de 4,5% estabelecida pelo Banco Central. A retomada do ímpeto da inflação pelo lado da demanda deve ser analisada interna e externamente. A demanda doméstica manteve-se extremamente aquecida pela combinação dos aumentos na geração de empregos, da massa salarial e da oferta de crédito. No contexto internacional, choques de oferta, bem como o aumento da demanda por alimentos e insumos, provocaram intensa valorização das *commodities*, especialmente as agrícolas.

Pelo lado da oferta, apesar do crescimento expressivo do PIB nacional e de Minas Gerais em 2010, a base de comparação é bastante enfraquecida pelo impacto da crise financeira internacional no nível de atividade econômica no período.

Além disso, a forte retração dos investimentos a partir do último trimestre de 2010 reduz as possibilidades de manutenção de taxas de crescimento capazes de absorver as pressões do consumo. Parte considerável da demanda vem sendo suprida através das importações, estimuladas pela apreciação cambial. O impacto antiinflacionário deste mecanismo pode, entretanto, estar perdendo força.

GRÁFICO 2 - INFLAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (EM %) - REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) E BRASIL - DEZEMBRO DE 2008/FEVEREIRO DE 2011



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sistema Nacional de Preços ao Consumidor (SNIPC)

Além das medidas de contenção da desvalorização do dólar pelo Banco Central, dados da importação brasileira da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex) registram aumento de 4,3% da cotação real dos manufaturados chineses no quarto trimestre de 2010 relativamente ao mesmo período do ano anterior.

No comparativo do acumulado de 12 meses até janeiro de 2011 ante o mesmo período do ano anterior, os dados da Funcex também apontam forte elevação dos combustíveis (25,2%), bem como dos bens não-duráveis (6,9%), duráveis (5,4%) e intermediários (2,1%)<sup>52</sup>.

Medidas de contenção inflacionária estão sendo adotadas desde o final de 2010 com foco, tanto no âmbito monetário, quanto no fiscal. Inicialmente, no intuito de restringir o crédito pessoal, o Banco Central ampliou a alíquota para os depósitos compulsórios. Em seguida, aumentou os juros e, concomitantemente, reduziu os prazos para essa modalidade de concessão. A taxa Selic, que vinha se mantendo em 10,75% desde julho de 2010, teve dois aumentos consecutivos no início de 2011; de 0,5% em janeiro e, com mais 0,5% em março, atingiu 11,75%.

<sup>52</sup> "Importado deixa de ajudar no controle dos preços", edição de 14/03/2011 do Valor Econômico. Disponível no sítio: <http://www.valoronline.com.br/impresso/brasil/97/396164/importado-deixa-de-ajudar-controle-de-precos>. Acesso em março de 2011.

No âmbito fiscal, também foram anunciadas medidas de contenção dos gastos governamentais.

De qualquer forma, a inflação deverá se manter acima da meta em 2010, pois esse propósito significaria recessão para o País, o que contraria os objetivos do atual Governo.

Alguns municípios mineiros têm seus próprios índices de preços, calculados por universidades locais. A tabela a seguir apresenta a evolução do acumulado em 12 meses para o período de dezembro de 2009 a fevereiro de 2011.

TABELA 2: VARIAÇÃO DO ÍNDICE DE PREÇO AO CONSUMIDOR (IPC) ACUMULADO EM DOZES MESES (EM %) - BELO HORIZONTE, LAVRAS, MONTES CLAROS, UBERLÂNDIA E VIÇOSA - DEZEMBRO DE 2009/FEVEREIRO DE 2011

Fim de Período	Belo Horizonte (1)	Lavras (2)	Montes Claros (3)	Uberlândia (4)	Viçosa (5)
dez/09	4,7	1,9	5,4	5,1	5,3
jan/10	5,4	0,1	6,3	4,4	6,5
fev/10	5,2	-0,9	6,4	5,4	6,3
mar/10	5,3	-0,8	6,8	5,2	6,7
abr/10	5,4	-1,2	7,1	4,9	5,5
mai/10	5,4	-1,6	7,1	4,6	6,2
jun/10	5,4	-2,2	7,2	4,0	5,4
jul/10	5,2	-1,6	6,7	4,0	5,8
ago/10	5,1	-1,8	6,4	3,8	6,0
set/10	5,4	-0,7	6,9	4,2	7,2
out/10	5,8	-0,1	7,6	4,7	9,9
nov/10	5,8	1,0	7,4	5,5	10,4
dez/10	5,7	1,4	8,1	5,5	10,0
jan/11	5,9	2,9	7,4	5,8	9,1
fev/11	6,1	3,7	7,8	5,0	10,0

Fontes: Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (IPEAD), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - Departamento de Administração e Economia (DAE), Universidade Federal de Lavras (UFLA) - Departamento de Economia (DE), Universidade Federal de Viçosa (UFV) - Departamento de Economia (DE), Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) - Centro de Pesquisas Econômico-sociais (Cepes), Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

(1) Abrange famílias com renda de 1 a 40 salários mínimos. (2) Não distingue faixas de rendimento. (3) Abrange bens consumidos por famílias que recebem de um a seis salários mínimos. (4) Abrange bens consumidos por famílias com renda de um a oito salários mínimos. (5) Abrange bens consumidos por famílias na faixa de um a seis salários mínimos.

## FINANÇAS PÚBLICAS

O governo de Minas Gerais encerrou o exercício financeiro de 2010 com Resultado nominal positivo de R\$ 388 milhões. Dessa forma, desde 2004 as receitas são superiores às despesas. A Tabela 1 apresenta os dados.

TABELA 1 - RECEITA ORÇAMENTÁRIA, DESPESA REALIZADA E RESULTADO FISCAL (EM R\$ MILHÕES) - GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS - 1995/2010

ANO	RECEITA ORÇAMENTÁRIA	DESPESA REALIZADA	RESULTADO FISCAL
1995	8.039	9.472	-1.433
1996	9.894	9.422	472
1997	12.358	12.068	289
1998	16.144	15.574	570
1999	9.992	9.820	171
2000	14.118	14.508	-389
2001	15.699	17.034	-1.334
2002	17.595	18.984	-1.390
2003	18.821	19.049	-228
2004	21.817	21.727	91
2005	25.514	25.292	222
2006	29.100	29.019	81
2007	32.633	32.443	190
2008	39.923	39.299	624
2009	39.107	38.746	362
2010	45.086	44.698	388

FONTE: Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais (SEF/MG); Ministério da Fazenda (MF), Secretaria do Tesouro Nacional (STN)

Dos 16 anos em análise na tabela acima, nota-se que 5 deles apresentaram resultado negativo, com destaque para o período entre 2000 e 2003. O ano de 1995 teve o maior déficit da série. Tal resultado provavelmente ocorreu em função do fim do “Efeito Tanzi”.<sup>53</sup> Com o sucesso do plano real em 1994, os estados deixaram de gerar receitas provenientes do imposto inflacionário, uma vez que ao postergar o pagamento do funcionalismo público para o final do mês era possível aumentar as receitas através de operações de crédito.

<sup>53</sup> O efeito Tanzi é um conceito de economia desenvolvido pelo italiano Vito Tanzi (1994). O Efeito Tanzi analisa a relação entre arrecadação fiscal e taxas de inflação no decorrer do tempo, estabelecendo o valor da influência da inflação sobre o valor das receitas ou despesas fiscais.

O período entre 2000 e 2003 apresentou resultado negativo principalmente em função da forte queda das transferências, impulsionada pela moratória da dívida de Minas Gerais junto ao Governo Federal decretada em 1999.

No ano de 2010 o volume de Receita arrecadada pelo governo de Minas atingiu a cifra de R\$ 45,1 bilhões. Esse valor foi 12,4% superior ao ano anterior, em termos nominais, uma vez que o montante em 2009 havia sido de R\$ 40,1 bilhões.

Na comparação do 4º trimestre de 2010 com o mesmo período do ano anterior a expansão da receita foi ainda mais expressiva: 15,6%.

Tal incremento apresentou maior vigor do que na comparação anual principalmente em função do forte acréscimo verificado nas transferências da União e receitas de capital (principalmente operações de crédito), que tiveram expansão de 34,6% e 36,4%, respectivamente. Os recursos obtidos via transferências federais apresentaram tal desempenho provavelmente devido à recuperação da arrecadação do IPI <sup>54</sup> pelo Governo Federal. Observa-se que no último quarto de 2010 as desonerações tributárias já haviam sido interrompidas. A Tabela 2 apresenta os principais dados referentes à receita.

TABELA 2 - RECEITA ORÇAMENTÁRIA (EM R\$ MILHÕES) - GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS - 4º TRIMESTRE DE 2009/4º TRIMESTRE DE 2010 E 2009/2010

Classificação da Receita	2009.IV (a)	2010.IV (b)	2009 (c)	2010 (d)	b/a (%)	d/c (%)
Receita Orçamentária	10.749,85	12.427,65	40.097,80	45.085,80	15,6	12,4
Receitas Correntes	11.054,57	12.576,99	41.063,50	47.500,90	13,8	15,7
Tributárias	6.968,07	7.775,19	26.800,70	31.745,50	11,6	18,5
IPVA	117,29	117,76	2.075,80	2.288,50	0,4	10,2
ICMS	6.152,12	6.783,22	22.002,96	26.272,15	10,3	19,4
Outras Receitas Tributárias	698,65	874,21	2.721,92	3.184,84	25,1	17,0
Transf. União	1.151,04	1.569,51	4.727,40	5.299,60	36,4	12,1
Transf. Multigovernamentais	1.022,68	1.139,93	3.846,10	4.468,50	11,5	16,2
Deduções da Receita Corrente	-1.101,93	-1.222,08	-4.106,50	-4.919,40	10,9	19,8
Receitas de Capital	797,21	1.072,74	2.150,50	2.504,20	34,6	16,4
Operações de Crédito	587,50	877,00	1.305,70	1.598,40	49,3	22,4
Alienação de Bens	10,28	12,41	25,90	33,50	20,8	29,3
Amortização de Empréstimos	116,07	147,05	450,50	506,70	26,7	12,5
Transf. de Capital	82,79	36,28	363,00	365,00	-56,2	0,6
Outras Receitas de Capital	0,57	0,00	5,40	0,60	-100,0	-89,3

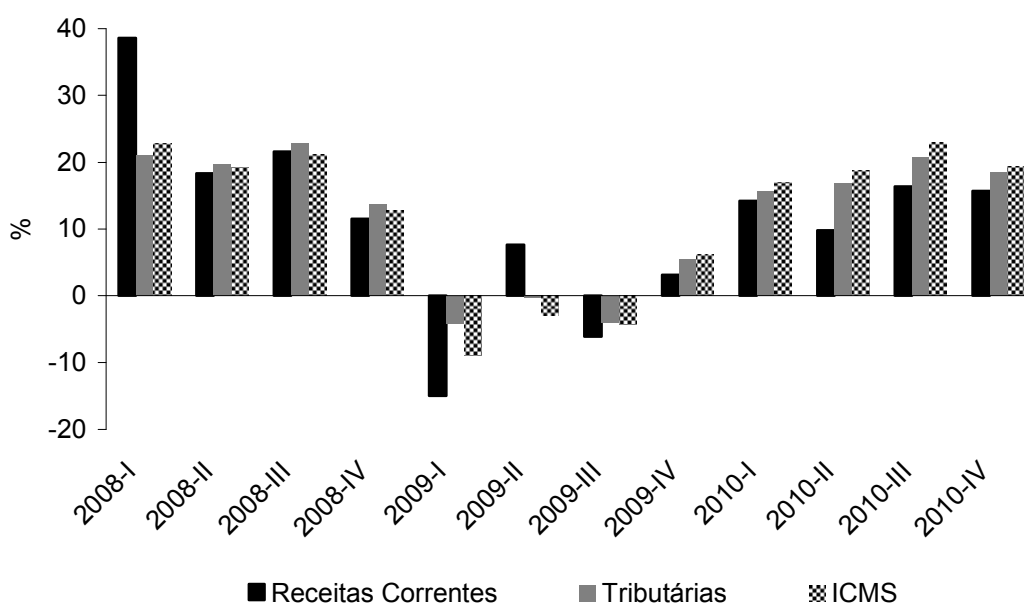
Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais (SEF/MG), Superintendência Central de Contadoria Geral (SCCG)

<sup>54</sup> Imposto sobre produtos industrializados

É importante destacar a forte expansão da arrecadação de ICMS, que apresentou acréscimo de 19,4 % em 2010, na comparação com 2009, consolidando a recuperação do mesmo em relação à queda observada em detrimento da crise econômica de 2008. Observa-se que esse tributo representou no ano passado 58,3 % da Receita Total.

O Gráfico 1 apresenta a evolução da expansão do trimestre contra o mesmo período do ano anterior para os indicadores: Receita Corrente, Receita Tributária e ICMS.

GRÁFICO 1 - VARIÇÃO (EM %), TRIMESTRE EM RELAÇÃO AO MESMO TRIMESTRE NO ANO ANTERIOR, DO TOTAL DE RECEITAS CORRENTES, RECEITAS TRIBUTÁRIAS, E ARRECADAÇÃO DO IMPOSTO SOBRE A CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS E SERVIÇOS (ICMS) - GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS - 4º TRIMESTRE DE 2009/4º TRIMESTRE DE 2010 E 2009/2010



Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais (SEF/MG), Superintendência Central de Contadoria Geral (SCCG)

O Gráfico mostra que o processo de retomada da arrecadação normalizou-se com a plena recuperação em relação à crise econômica de 2008.



Para o ano de 2011 o governo de Minas espera atingir uma receita de aproximadamente <sup>55</sup> R\$ 45 bilhões, o que representa um valor 9,5% superior ao previsto no ano anterior. Espera-se ainda que a arrecadação de ICMS atinja patamar superior aos R\$ 28 bilhões.

A Despesa realizada pelo governo de Minas Gerais em 2010 foi de R\$ 44,3 bilhões, o que representou acréscimo de 14,4% em relação ao ano anterior. Na comparação do 4º trimestre de 2010 com o mesmo período de 2009 a expansão foi de 10,4%. Sob a perspectiva de contabilidade pública o que importa é o fechamento do ano. Dessa forma faz-se importante destacar que, de forma geral, o comportamento das despesas foi compatível com a capacidade de geração de receitas. A Tabela 3 apresenta uma síntese da Despesa realizada em Minas Gerais, por categoria econômica.

TABELA 3 - DESPESA REALIZADA (EM MILHÕES) - GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS - 4º TRIMESTRE DE 2009/4º TRIMESTRE DE 2010 E 2009/2010

Classificação da Despesa	2009.IV (a)	2010.IV (b)	2009 (c)	2010 (d)	b/a (%)	d/c (%)
Despesa Realizada	12.764,0	14.096,5	38.745,9	44.321,1	10,4	14,4
Despesas Correntes	10.008,2	11.949,3	32.811,6	38.244,5	19,4	16,6
Pessoal e Encargos Sociais	4.893,5	6.196,3	16.059,0	18.920,5	26,6	17,8
Juros e Amortizações	541,4	607,5	2.197,0	2.242,7	12,2	2,1
Outras Despesas Correntes	4.573,4	5.145,5	14.555,7	17.081,3	12,5	17,4
Despesas de Capital	2.755,7	2.147,2	5.934,2	6.076,6	-22,1	2,4
Investimentos	1.916,1	1.374,0	3.585,4	3.993,6	-28,3	11,4
Inversões Financeiras	522,8	381,1	1.250,8	845,7	-27,1	-32,4
Amortização da Dívida	316,8	392,1	1.098,0	1.237,3	23,8	12,7

Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais (SEF/MG), Superintendência Central de Contadoria Geral (SCCG)

Uma constatação importante em relação ao comportamento da despesa no ano de 2010 refere-se aos gastos com pessoal no poder executivo, que atingiram <sup>56</sup> 48,6% da Receita Corrente Líquida no 3º quadrimestre. Recomenda-se que tal valor não ultrapasse o limite prudencial de 46,55% estabelecido pela lei de responsabilidade fiscal. Com o patamar atingido fica proibida a criação de cargos, bem como a concessão de reajustes salariais.

Dentre as principais causas do aumento do volume de gastos com pessoal pode-se elencar: o reajuste linear de 10% concedido à maioria das carreiras do estado; o reposicionamento por tempo de serviço de alguns servidores e o novo plano de carreiras dos servidores da educação.

<sup>55</sup> Disponível no sítio: <http://www.planejamento.mg.gov.br/governo/planejamento/orcamento/orcamento.asp>. Acesso em março de 2011.

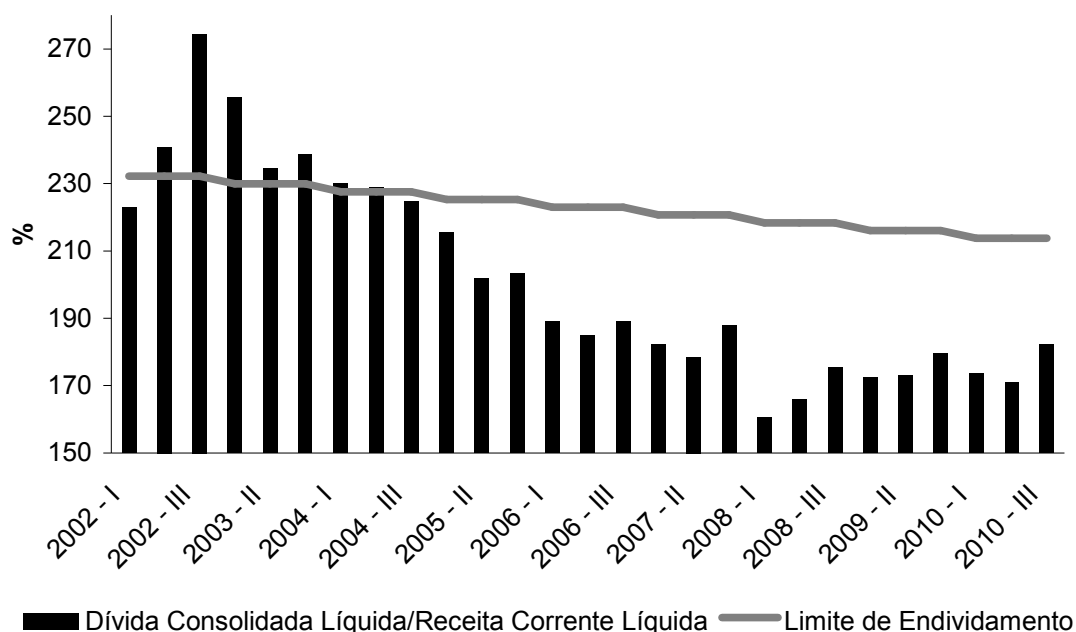
<sup>56</sup> Disponível no sítio: [http://www.fazenda.mg.gov.br/governo/contadoria\\_geral/gestaofiscal/ano2010/3quadrimestre2010.pdf](http://www.fazenda.mg.gov.br/governo/contadoria_geral/gestaofiscal/ano2010/3quadrimestre2010.pdf). Acesso em março de 2011.

Levando-se em consideração que as despesas com pessoal apresentam pouca flexibilidade, depreende-se a necessidade do aumento das receitas para que tais gastos enquadrem-se novamente nos parâmetros da lei de responsabilidade fiscal. Dessa forma, pode-se considerar que as perspectivas em torno do equilíbrio sejam bastante positivas, uma vez que está previsto considerável incremento nas receitas.

A dívida consolidada do Governo de Minas Gerais atingiu R\$ 60,5 bilhões no último quadrimestre de 2010.<sup>57</sup> O valor foi 15,7% superior ao fechamento do ano anterior, quando a cifra havia atingido R\$ 52,3 bilhões.

Para ter uma referência se os valores são preocupantes, faz-se necessário recorrer aos parâmetros impostos pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). Na referida legislação tem-se como meta que a Dívida Corrente Líquida seja no máximo igual a 200% da Receita Corrente Líquida no ano de 2016. A Secretaria de Estado da Fazenda de Minas vêm promovendo esse acompanhamento.

GRÁFICO 2 - RAZÃO ENTRE DÍVIDA CONSOLIDADA LÍQUIDA E RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (EM %) - GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS - 1º TRIMESTRE DE 2002/3º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais (SEF/MG)

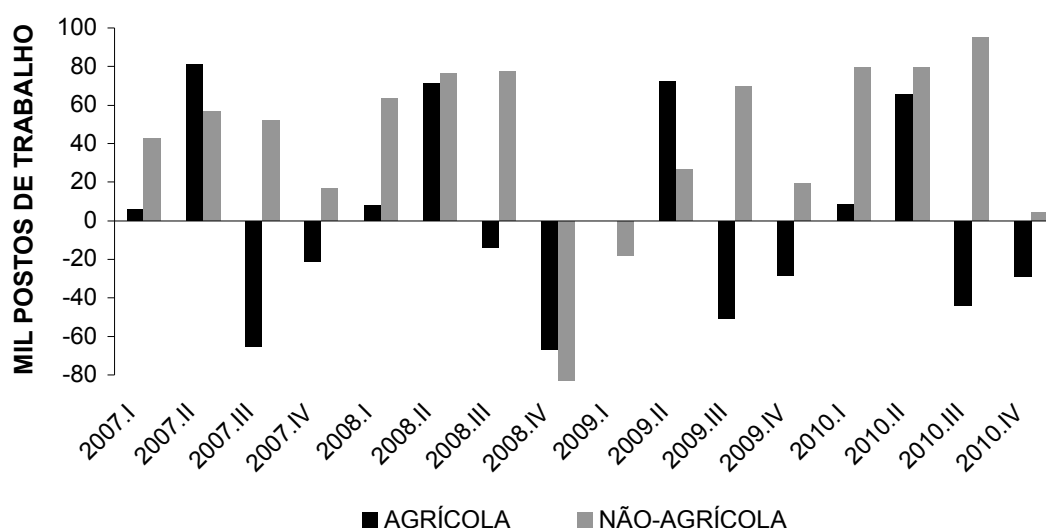
<sup>57</sup> Disponível no sítio: [http://www.fazenda.mg.gov.br/governo/contadoria\\_geral/gestaofiscal/ano2010/3quadrimestre2010.pdf](http://www.fazenda.mg.gov.br/governo/contadoria_geral/gestaofiscal/ano2010/3quadrimestre2010.pdf). Acesso em março de 2011.

O Gráfico 2 mostra que desde o 3º trimestre de 2004 a Dívida Líquida Corrente apresenta-se inferior à meta estabelecida pela legislação. Dessa época até o final de 2007 observou-se uma trajetória de queda. Entretanto o indicador voltou a crescer nos últimos 3 anos, mas com distância ainda significativa da meta. Portanto, sob a perspectiva dos objetivos elencados na LRF, os indícios são de que o endividamento encontra-se sob controle.

## EMPREGO, DESEMPREGO, E RENDIMENTOS DO TRABALHO

A relação de causalidade, do desempenho produtivo para a determinação do nível de emprego agregado, está em operação tanto na economia de Minas Gerais quanto na brasileira. No caso da criação e destruição de postos de trabalho formais, há evidência disponível (Gráfico 1) de que a forte recuperação econômica observada ao longo de 2010 se traduziu em excepcional geração de emprego no estado.

GRÁFICO 1 - VARIAÇÃO NO ESTOQUE DE EMPREGOS FORMAIS (MIL POSTOS DE TRABALHO), POR SETORES DE ATIVIDADE - MINAS GERAIS - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



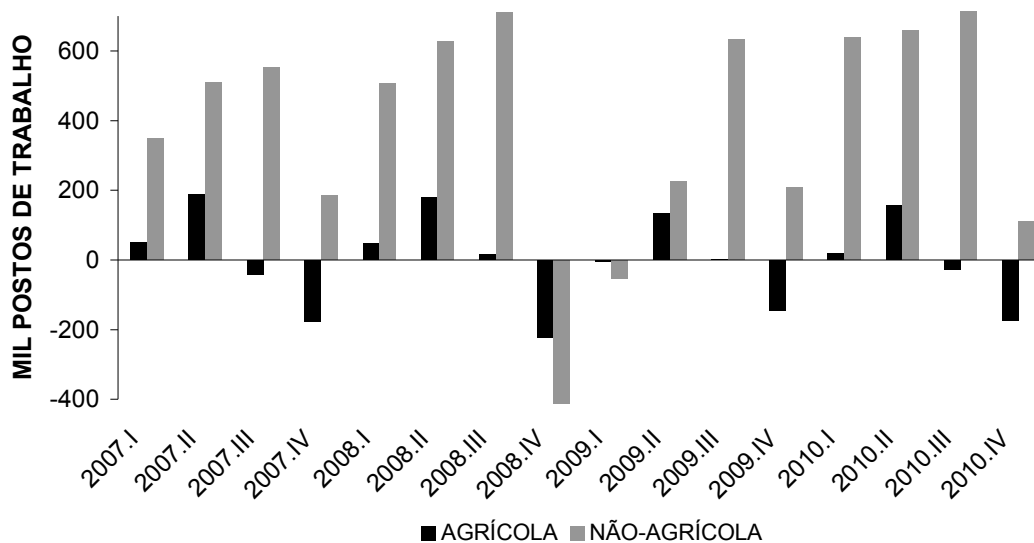
Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho (PDET), Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) <sup>58</sup>

De fato, nos três primeiros trimestres do ano passado o saldo líquido da criação de postos de trabalho formais não-agrícolas em Minas Gerais (respectivamente, 80, 79 e 95 mil empregos) superou o registrado nos anos anteriores. No entanto, e corroborando a discussão realizada na seção sobre o nível de atividade deste boletim, o 4º trimestre de 2010 trouxe - também no desempenho do mercado de trabalho - evidência de que teve início a desaceleração do ritmo de crescimento econômico, no Brasil como em Minas Gerais.

<sup>58</sup> Disponível no sítio: <http://www.mte.gov.br/pdet/index.asp>. Acesso em março de 2011.

No último trimestre do ano passado, foram criados (em termos líquidos) somente 4 mil postos não-agrícolas em Minas Gerais, número bem inferior ao registrado no 4º trimestre de 2009 e de 2007.

GRÁFICO 2 - VARIAÇÃO NO ESTOQUE DE EMPREGOS FORMAIS, POR SETORES DE ATIVIDADE - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho (PDET), Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)

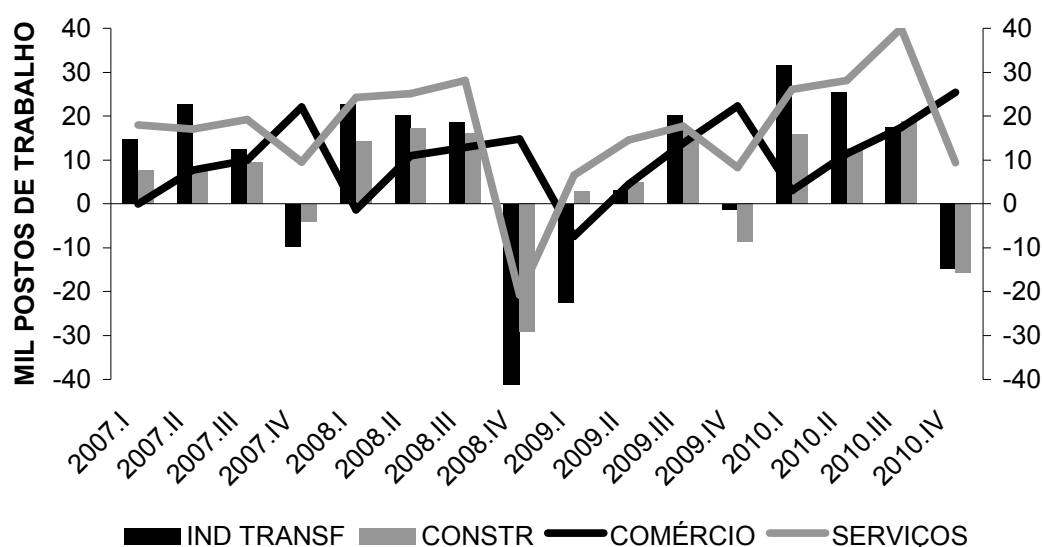
Na economia brasileira, exatamente o mesmo padrão temporal foi observado: nos três primeiros trimestres do ano passado, o saldo líquido da criação de novos postos de trabalho não-agrícolas - de, respectivamente, 639, 659 e 755 mil empregos - foi superior ao observado nos mesmos trimestres em anos anteriores.

Em compensação, a desaceleração no ritmo de criação de novos postos de trabalho urbanos (a ser confirmada nos próximos trimestres) é também evidente no plano nacional: no último trimestre de 2010, foram gerados 110 mil novos postos de trabalho formais no Brasil; em 2009, haviam sido 208 mil no mesmo período, e em 2007, 187 mil.

Na desagregação por setores selecionados de atividade, se observa que na economia mineira a destruição líquida de postos de trabalho formais na indústria de transformação e na construção civil, típica no último trimestre de cada ano, foi bem mais acentuada no ano passado (respectivamente, -15 e -16 mil) do que em 2009 (-1 e -9 mil) e em 2007 (-10 e -4 mil). Em 2008,

numa situação completamente fora do padrão, foram perdidos 43 mil postos de trabalho formais na indústria de transformação mineira, e 29 mil na construção civil.

GRÁFICO 3 - VARIAÇÃO NO ESTOQUE DE EMPREGOS FORMAIS, POR SETORES DE ATIVIDADE SELECIONADOS - MINAS GERAIS - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



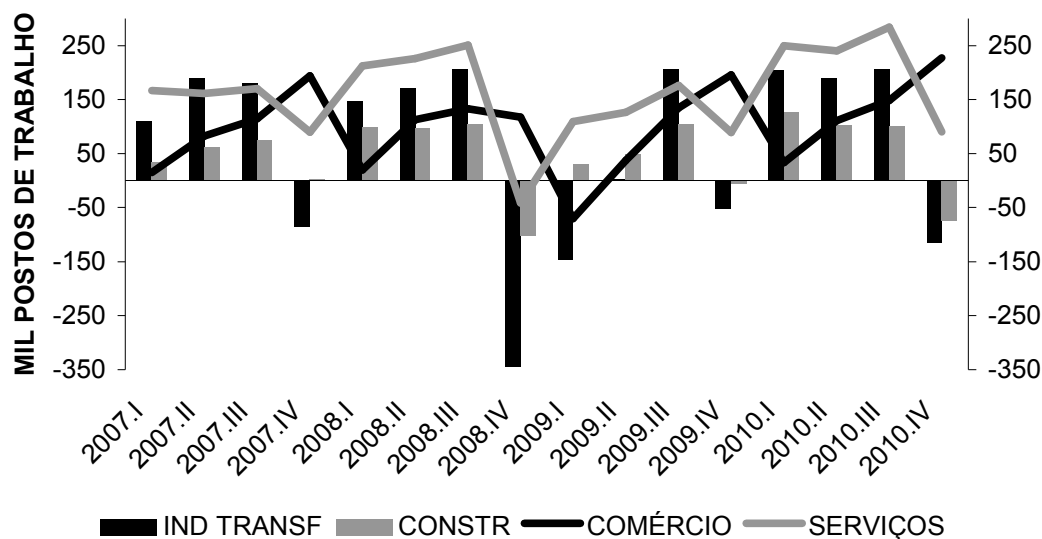
Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho (PDET), Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)

Também é comum que, no 4º trimestre de cada ano, os postos de trabalho criados nas atividades do comércio e dos serviços (exclusive administração pública<sup>59</sup>) costumam compensar, no agregado, as perdas ocorridas na indústria e na construção. Em Minas Gerais, foram criados 25 mil novos empregos formais no comércio no último trimestre do ano passado, no conjunto dos demais serviços, 9 mil. No 4º trimestre de 2009, foram criados, respectivamente, 22 e 8 mil empregos adicionais; em 2007, 22 e 10 mil empregos. Mesmo no último trimestre de 2008, no auge da crise internacional, houve criação de postos de trabalho no comércio mineiro (15 mil), apesar da destruição líquida de empregos formais nos demais serviços (-21 mil).

<sup>59</sup> No caso do Caged, somente é captada a variação do emprego celetista na administração pública, e este representa uma proporção relativamente pequena da ocupação no setor. Além disso, a lógica da contratação e demissão na administração pública segue uma menor correspondência com a evolução da conjuntura econômica. Por estes motivos, optou-se na análise sobre o nível de emprego formal, excluir a variação de postos de trabalho da administração pública da agregação de serviços. Adicionalmente, pela importância do comércio como um setor isolado na geração de empregos, decidiu-se apresentar os seus resultados separadamente das demais atividades de serviços.

Na economia brasileira, semelhante padrão setorial é observado na dinâmica da geração de emprego formal. No último trimestre do ano passado, houve destruição líquida de postos de trabalho na indústria de transformação e na construção civil (respectivamente, -115 e -76 mil posições); no 4º trimestre de anos precedentes, o saldo líquido da criação de empregos nestes dois setores foi de, respectivamente, -52 e -7 mil (2009), -345 e -103 mil (2008), e -85 e 4 mil (2007).

GRÁFICO 4 - VARIAÇÃO NO ESTOQUE DE EMPREGOS FORMAIS, POR SETORES DE ATIVIDADE SELECIONADOS - BRASIL - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho (PDET), Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)

Ao mesmo tempo, sempre se criam novos postos de trabalho no comércio e nos demais setores de serviços (exceto administração pública) no último trimestre de cada ano, a não ser numa situação completamente fora do normal. No 4º trimestre do ano passado, foram gerados 227 e 90 mil empregos adicionais nestes dois setores, no conjunto da economia brasileira. No 4º trimestre de anos precedentes, o saldo líquido da criação de empregos nestes dois setores foi de, respectivamente, 196 e 89 mil (2009), 117 e -42 mil (2008), e 194 e 89 mil (2007).

Aspectos relativos à evolução qualitativa da ocupação da força de trabalho, para uma adequada avaliação, requerem informações sobre as relações de trabalho informais, sobre o desemprego e a “área cinzenta” que existe entre o desemprego e o trabalho precário, por um lado,

e o desemprego e a inatividade, por outro lado. Somente pesquisas domiciliares podem ajudar o pesquisador a alcançar relativa compreensão sobre a dinâmica destes fenômenos.

Para Minas Gerais, felizmente, se dispõe das informações da Pesquisa de Emprego e Desemprego, a qual, embora restrita aos municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), permite comparação direta com levantamentos que utilizam a mesma metodologia nas Regiões Metropolitanas de Fortaleza, Recife, Salvador, São Paulo e Porto Alegre - além do Distrito Federal (Sistema PED).

Na soma da população ocupada nestas seis regiões metropolitanas e no Distrito Federal, estimou-se a geração de 359 mil novos vínculos de trabalho (formais e informais) no 4º trimestre do ano passado, ao mesmo tempo em que 282 mil pessoas deixavam a condição de desempregados. Na comparação com o 4º trimestre de 2009, foram 698 mil novas ocupações, enquanto o número de desempregados era subtraído em 466 mil.<sup>60</sup>

Dentre os desempregados no conjunto de municípios integrados no Sistema PED, que deixaram a condição de desemprego no 4º trimestre de 2011, 48 mil estavam classificados na situação de desemprego oculto pelo trabalho precário e 24 mil na situação de desemprego oculto pelo desalento. Na comparação com o 4º trimestre de 2009, 135 mil estavam classificados na situação de desemprego oculto pelo trabalho precário e 65 mil na situação de desemprego oculto pelo desalento.

Estes resultados indicam uma significativa melhoria qualitativa na forma de inserção produtiva da força de trabalho metropolitana, no Brasil, no passado recente.

Especificamente na RMBH, no entanto, a evolução mais recente da população ocupada não foi tão favorável: em relação ao número de ocupados no 2º semestre de 2008, houve rápida recuperação do nível ocupacional ao longo de 2009, de forma que o total de pessoas ocupadas no 4º trimestre deste ano já superava o patamar prévio à crise internacional. Porém, ao longo de 2010, não houve recuperação das ocupações perdidas no 1º trimestre, e o resultado no final do ano - 2.254 mil pessoas ocupadas na RMBH no último trimestre do ano passado - foi inferior ao do mesmo período em 2009 (Gráfico 5).

Ao mesmo tempo, e apesar da evolução desfavorável do nível ocupacional, o desemprego diminuiu na RMBH, de um total de 249 mil pessoas no 4º trimestre de 2009 para 186 mil no 3º trimestre do ano passado e, finalmente, 172 mil neste último 4º trimestre. Esta aparente

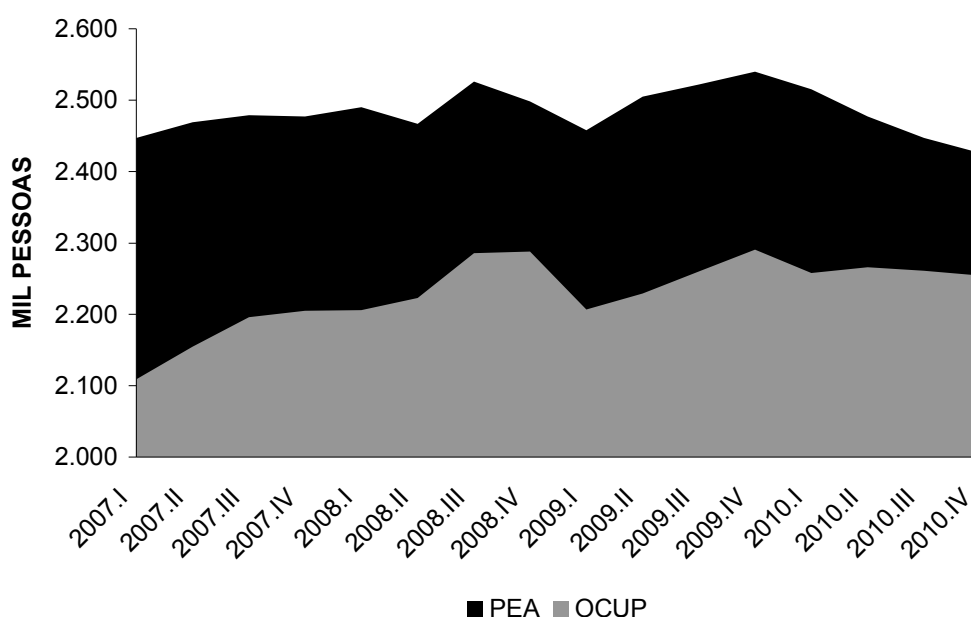
---

<sup>60</sup> Informações disponíveis no sítio: <http://www.dieese.org.br/ped/metropolitana.xml>. Acesso em março de 2011.



contradição é explicada pelo fato de que a população economicamente ativa foi reduzida no mesmo período.

GRÁFICO 5 - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA E OCUPADA - REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI); Convênio FJP/Dieese/Seade/SETE-MG <sup>61</sup>

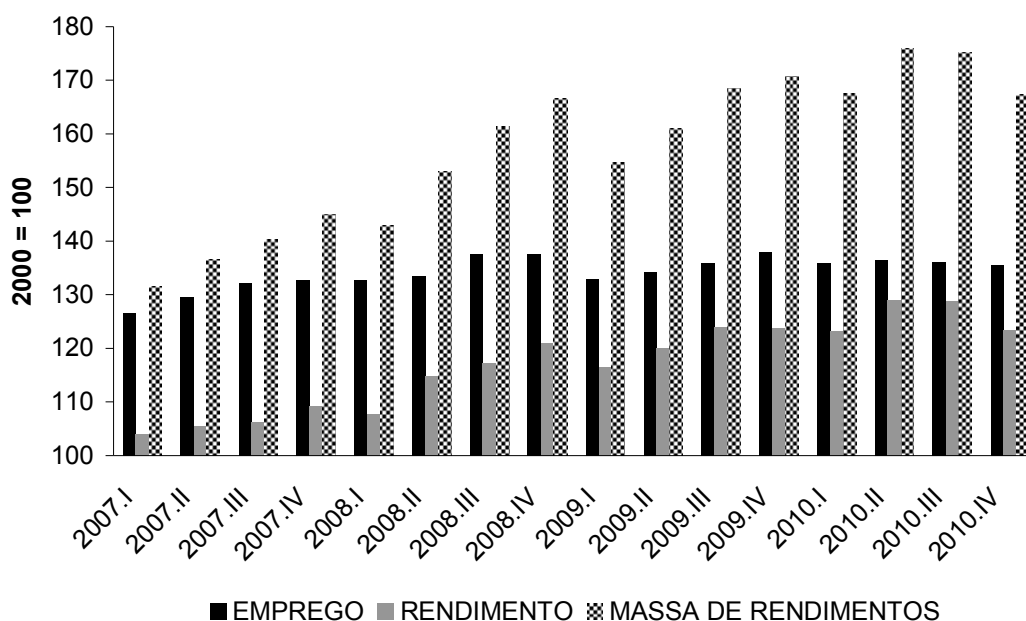
Enquanto a ocupação da força de trabalho na RMBH apresentou o padrão descrito acima - recuperação rápida em 2009 e estagnação ao longo de 2010 -, o rendimento real médio da população ocupada seguia uma trajetória muito semelhante. (Gráfico 6)

De fato, já no 3º trimestre de 2009 o índice trimestral do rendimento médio real dos ocupados na RMBH superava o patamar observado antes que os efeitos da crise internacional se fizessem sentir no mercado de trabalho metropolitano. Na sequência, permaneceu estabilizado nos dois trimestres seguintes, e atingiu o nível mais elevado desde o início da série em 1996

<sup>61</sup> Informações disponíveis no sítio: <http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/servicos/81-servicos-cei/59-pesquisa-de-emprego-e-desemprego-na-regiao-metropolitana-de-belo-horizonte>. Acesso em março de 2011.

(aproximadamente, 30% acima da média do ano de 2000) no 2º e no 3º trimestres do ano passado. No último trimestre de 2010, no entanto, voltou ao patamar do 3º trimestre de 2009.

GRÁFICO 6 - ÍNDICES TRIMESTRAIS DO EMPREGO, DO RENDIMENTO MÉDIO REAL E DA MASSA DE RENDIMENTOS REAIS DOS OCUPADOS - REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) - 1º TRIMESTRE DE 2007/4º TRIMESTRE DE 2010



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI); Convênio FJP/Dieese/Seade/SETE-MG

A evolução da massa de rendimentos reais da população ocupada na RMBH reflete a combinação dos efeitos oriundos da evolução do nível de emprego e do nível do rendimento médio dos trabalhadores. Assim, alcançou o patamar mais elevado de toda a série no 2º e 3º trimestres do ano passado (pouco mais de 75% acima da média de 2000), e já se retraiu no 4º trimestre do ano passado, trazendo mais uma indicação de que o crescimento econômico recente se encontra em franco processo de desaceleração.



## NOTA TÉCNICA

### Formação Bruta de Capital Fixo

Ricardo Candéa Sá Barreto  
*Gestor de Ensino e Pesquisa da FJP/CEI*  
ricardo.candea@fjp.mg.gov.br

Thiago Rafael Corrêa de Almeida  
*Estagiário do CEI/FJP*  
thiago.almeida@fjp.mg.gov.br

Clara Oyamaguchi Pinheiro de Araujo Moreira  
*Estagiária do CEI/FJP*  
clahmoreira@gmail.com

A formação de capital fixo é crucial ao crescimento e no desenvolvimento de uma economia - já que o investimento acarreta aumento ou melhoria da produção. Assim, é possível identificar a importância do investimento na substituição dos equipamentos antigos, quando, por exemplo, se compram novas máquinas; no investimento destinado ao aumento da capacidade produtiva, quando, por exemplo, há o alargamento das instalações; e também no investimento destinado à modernização da economia, para que esta possa usufruir do progresso técnico, por exemplo, investimentos em Pesquisa e desenvolvimento (P&D) e gastos em formação profissional.

A forma mais tradicional de se estudar os investimentos em uma economia diz respeito ao conceito de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF). De acordo com o *System of National Accounts 1993* (SNA 1993), o manual da Organização das Nações Unidas (ONU) para compilação do Sistema de Contas, a FBCF de uma economia em um período contábil é medida pelo valor das aquisições líquidas das cessões de ativos fixos, realizadas pelas unidades institucionais, mais aumentos de valor de ativos não-produzidos proporcionados pelo próprio desenvolvimento das unidades institucionais.

Os ativos fixos compreendem tanto os tangíveis como os intangíveis, grandes melhoramentos em ativos tangíveis já produzidos, isto é, intervenções que prolongam a vida útil ou aumentam a capacidade produtiva dos mesmos, além dos custos associados às transferências de propriedade dos ativos não-produzidos, como os terrenos. Com relação à tipologia os principais aspectos a se considerar em termos de FBCF são:

- Aquisições líquidas de cessões dos ativos fixos tangíveis novos ou existentes, subdivididos por tipo de ativo em:
  1. Habitações;
  2. Outros edifícios e construções;
  3. Máquinas e outros bens de equipamento;
  4. Animais e ativos cultivados (cultura permanente) - árvores e efetivos pecuários - que são utilizados repetida e continuamente para produzir produtos tais como, frutos, borracha, leite, etc.
- Aquisições líquidas de cessões dos ativos fixos intangíveis novos ou existentes, subdivididos por tipo de ativo em:
  1. Exploração mineral;
  2. Software informático;
  3. Originais recreativos, literários ou artísticos;
  4. Outros ativos fixos intangíveis.
- Grandes melhoramentos em ativos tangíveis não produzidos, incluindo terrenos;
- Custos associados com as transferências de propriedade dos ativos não produzidos.

Após a apresentação do conceito de FBCF e de sua tipologia, convém destacar o foco de análise desta nota técnica, que é apresentar a taxa de investimento em Minas Gerais no período 2005-2009, isto é, qual é a parcela ou percentagem que a FBCF representa em relação ao PIB do estado para o período anteriormente mencionado.

Além disso, pretende-se caracterizar a composição dos investimentos pelo lado da oferta e pelo lado da origem (qual parcela do investimento corresponde à composição interna e qual parcela corresponde à importação interestadual ou internacional).

A metodologia de cálculo da FBCF, em Minas Gerais, foi baseada na metodologia do IBGE e consiste em projeções de índices de volume e de preços dos valores contidos na Matriz de Insumo-Produto do Estado.

Essas projeções só foram possíveis graças às diferentes pesquisas realizadas pelo IBGE, como PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios); PIA-Empresa (Pesquisa Industrial Anual-Empresa); PAIC (Pesquisa Anual da Indústria da Construção); PAC (Pesquisa Anual de Comércio); PAS (Pesquisa Anual de Serviços); PAM (Produção Agrícola Municipal); e PEVS (Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura).

Além disso, foram utilizados dados da DIPJ (Declaração de Informações Econômico-fiscais da Pessoa Jurídica), da Secretaria da Fazenda de Minas Gerais (Guia de Informação e Apuração do

ICMS) e também do sistema AliceWeb do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC).

Com relação aos resultados pode-se dizer que os setores que contribuem com maior peso para a FBCF no estado de Minas Gerais são: Construção; Automóveis, camionetas, utilitários, caminhões e ônibus; Máquinas, aparelhos e materiais elétricos; e Máquinas e equipamentos.

A Tabela 1 a seguir apresenta a participação relativa de cada uma das atividades que compõem a FBCF ao longo do período 2005-2009 e destaca os setores mencionados anteriormente devido a sua maior parcela de participação nos investimentos no estado.

A Tabela 1 destaca ainda a atividade que apresenta tendência crescente ao longo do tempo: Automóveis, camionetas, utilitários, caminhões e ônibus.

TABELA 1 - PARTICIPAÇÃO RELATIVA POR ATIVIDADE NA FBCF TOTAL (EM %) - MINAS GERAIS - 2005-2009

Atividades/Setores	Participação Relativa na FBCF (%)				
	2005	2006	2007	2008	2009
Outros produtos da agricultura, silvicultura e exploração florestal	1,7	1,4	1,3	1,4	2,6
Bovinos	4,4	4,2	3,6	3,3	3,9
Outros produtos da pecuária e pesca	0,3	0,2	0,2	0,2	0,3
AGROPECUÁRIA (TOTAL)	6,4	5,8	5,1	4,9	6,7
Produtos de metal	3,4	2,6	2,7	2,6	2,3
Máquinas e equipamentos	8,3	7,3	8,4	8,8	7,6
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	16,9	17,1	15,3	16,1	13,7
Automóveis, camionetas, utilitários, caminhões e ônibus	13,6	16,3	16,9	21,4	19,4
Outros equipamentos de transporte	2,8	3,0	3,1	3,1	2,5
Móveis, produtos de madeira e artigos diversos	3,0	1,3	1,4	1,4	1,6
Construção	45,7	46,4	46,8	41,4	46,0
INDÚSTRIA (TOTAL)	93,4	93,9	94,6	94,9	93,1
SERVIÇOS PRESTADOS ÀS EMPRESAS	0,2	0,3	0,2	0,2	0,3
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI)

Outro ponto a se destacar em termos dos investimentos (percentagem da FBCF em relação ao PIB), em Minas Gerais, refere-se ao fato de que este possuiu tendência crescente até o ano de 2008: em 2005, a taxa de investimento que era de 16,2%, deu um salto para aproximadamente 18,7% em 2008.

Em termos correntes, a FBCF que era de R\$ 31.270,22 milhões em 2005, aumentou para R\$ 52.912,34 milhões em 2008.

No ano de 2009, por se tratar de um ano de crise econômica, a taxa de investimento sofreu uma inflexão, caindo para 16,3%. Em termos correntes, a FBCF, em 2009, foi de R\$ 46.403,95 milhões, valor menor do que o observado em 2008.<sup>62</sup>

Comparando a economia mineira com a economia brasileira, pode-se dizer que o estado possui taxas de investimento em FBCF bem semelhantes às do país.

O Gráfico 1 (abaixo) apresenta o padrão de relação entre investimento e crescimento econômico no Brasil e em Minas Gerais. Consta-se que, tanto Minas Gerais quanto o Brasil, tiveram maiores taxas de crescimento econômico nos períodos com maiores taxas de investimento.

Com relação à origem dos investimentos em Minas Gerais pode-se dizer que a maior parcela do que compõe a FBCF, no período 2005-2009, é contribuição interna, ou seja, refere-se ao que é produzido dentro do próprio estado. Isto pode ser explicado pelo grande percentual de participação do setor de construção civil na FBCF.

Com relação aos investimentos no estado de origem externa, pode-se dizer que a contribuição das importações interestaduais ao longo do período 2005-2009 superou a contribuição das importações internacionais em todos os anos em questão.

TABELA 2 - PARTICIPAÇÃO RELATIVA NO QUE SE REFERE À ORIGEM DA FBCF TOTAL (EM PERCENTAGEM), EM MINAS GERAIS, NO PERÍODO 2005-2009

Origem do Investimento	Participação relativa na FBCF (%)				
	2005	2006	2007	2008	2009
Contribuição interna	76,5	81,3	81,0	78,2	79,7
Contribuição importada interestadual	19,6	14,9	15,4	15,9	15,9
Contribuição importada internacional	3,9	3,8	3,6	5,9	4,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

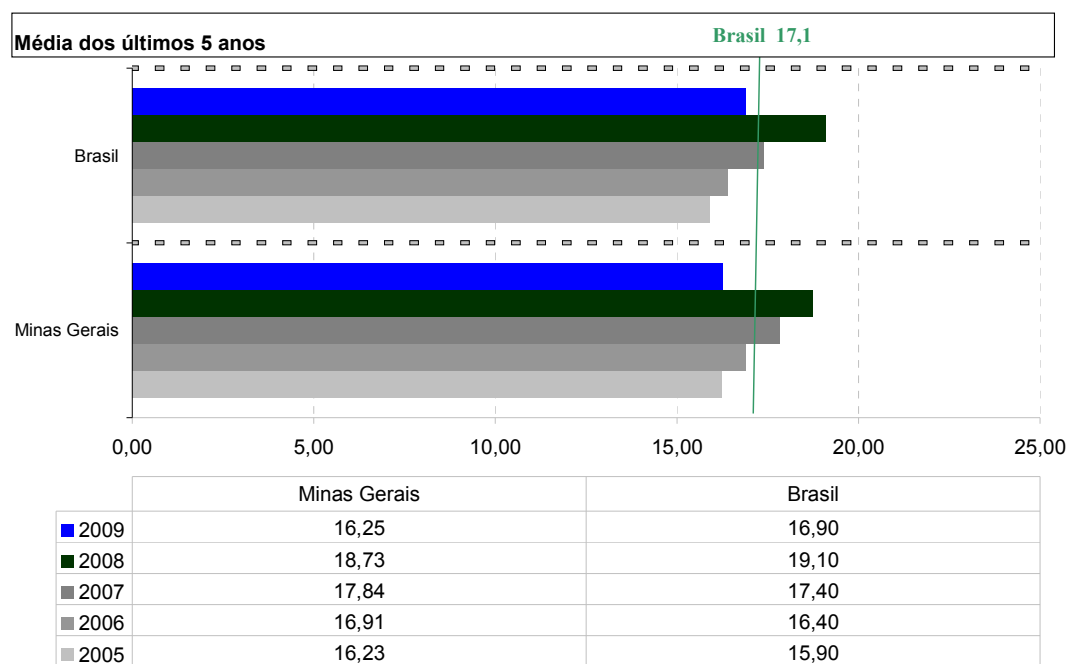
Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI)

É interessante destacar ainda a queda na participação relativa da contribuição importada interestadual entre 2005 e 2006, que caiu de 19,58% para 14,89%.<sup>63</sup> A Tabela 2 (abaixo) apresenta a participação relativa em termos da origem do que compõe a FBCF ao longo do período de análise e destaca a maior participação da contribuição interna na composição dos investimentos do estado.

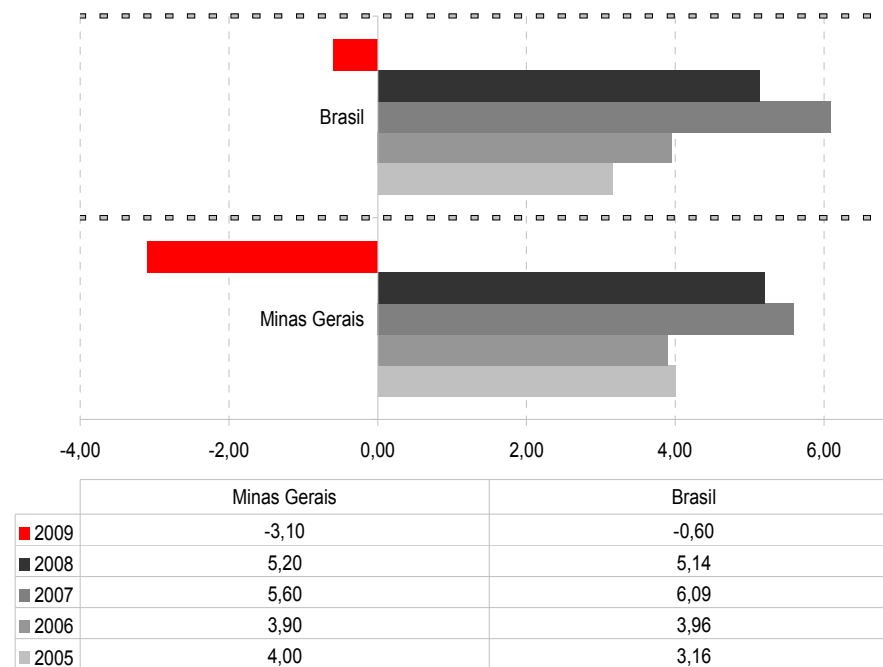
<sup>62</sup> Para maiores informações, ver Apêndice 1 - FBCF a preços de mercado (R\$ 1.000.000,00) em Minas Gerais no período 2005-2009: FBCF total, contribuição interna, contribuição interestadual e contribuição internacional.

<sup>63</sup> Para maiores informações, não em termos dos valores percentuais, mas em termos dos valores correntes de FBCF em relação à contribuição interna e importações interestadual ou internacional, ver Apêndice 1 - FBCF a preços de mercado (R\$ 1.000.000,00) em Minas Gerais no período 2005-2009: FBCF total, contribuição interna, contribuição interestadual e contribuição internacional.

GRÁFICO 1 - TAXA DE INVESTIMENTO FBCF (% PIB) E TAXA REAL DE CRESCIMENTO DO PIB, NO PERÍODO 2005-2009, BRASIL E MINAS GERAIS



Taxa de investimento



Taxa crescimento real do PIB

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI) - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac)



## REFERÊNCIAS

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. 2007. *Informativo CEI - Produto Interno Bruto de Minas Gerais - 2005*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

\_\_\_\_\_. 2008. *Informativo CEI - Produto Interno Bruto de Minas Gerais - 2006*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

\_\_\_\_\_. 2009. *Informativo CEI - Produto Interno Bruto de Minas Gerais - 2007*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

\_\_\_\_\_. 2009. *Tabela de recursos e usos (TRU - regional) e matriz de insumo-produto para o estado de Minas Gerais: para o ano de 2005*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 36 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. s.d. *Formação bruta de capital fixo*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Notas Metodológicas do Sistema de Contas Nacionais, nº 19), 7 p.

*SYSTEM of national accounts 1993*. Brussels/Luxembourg: Commission of the European Communities, 1993. (Preparado sob os auspícios de Commission of the European Communities - Eurostat, International Monetary Fund, Organisation for Economic Co-operation and Development, United Nations e World Bank.) Disponível em: <http://unstats.un.org/unsd/sna1993>. Acesso em: março de 2011.

## APÊNDICE

### APÊNDICE 1 - FBCF TOTAL, CONTRIBUIÇÃO INTERNA, CONTRIBUIÇÃO INTERESTADUAL E CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL A PREÇOS DE MERCADO (EM R\$ MILHÕES) - MINAS GERAIS - 2005-2009

Especificação	FBCF - ANO ANTERIOR	ÍNDICE DE VOLUME	VALOR CONSTANTE	ÍNDICE DE PREÇO	FBCF - ANO CORRENTE	
<b>FBCF total</b>						
	2005				31.270,22	
	2006	31.270,22	1,12	34.917,16	1,04	36.309,73
	2007	36.309,73	1,09	39.686,89	1,08	43.047,48
	2008	43.047,48	1,17	50.532,19	1,05	52.912,34
	2009	52.912,34	0,85	44.796,98	1,04	46.403,95
<b>FBCF interna a preços de mercado</b>						
	2005				23.917,09	
	2006	23.917,09	1,17	28.045,68	1,05	29.528,82
	2007	29.528,82	1,07	31.630,65	1,1	34.872,95
	2008	34.872,95	1,13	39.325,75	1,05	41.398,19
	2009	41.398,19	0,84	34.972,04	1,06	36.986,66
<b>FBCF importada interestadual a preços de mercado</b>						
	2005				6.124,19	
	2006	6.124,19	0,87	5.314,10	1,02	5.408,27
	2007	5.408,27	1,21	6.527,86	1,02	6.627,48
	2008	6.627,48	1,24	8.247,14	1,02	8.417,60
	2009	8.417,60	0,86	7.222,04	1,02	7.395,87
<b>FBCF importada internacional a preços de mercado</b>						
	2005				1.228,94	
	2006	1.228,94	1,27	1.557,39	0,88	1.372,64
	2007	1.372,64	1,11	1.528,37	1,01	1.547,05
	2008	1.547,05	1,91	2.959,29	1,05	3.096,55
	2009	3.096,55	0,84	2.602,91	0,78	2.021,42

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI)

Nota: o ano de 2009 pode sofrer alterações após a consolidação do PIB em novembro de 2011.



**FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO**  
**Centro de Estatística e Informações**  
Alameda das Acácias, 70 - São Luís | Pampulha - Belo Horizonte | MG  
[www.fjp.mg.gov.br](http://www.fjp.mg.gov.br)